



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

JOSÉ DANIEL ALVES BALBINO



**A BIBLIOTERAPIA NO CONTEXTO DO CÂNCER INFANTIL: A LEITURA
ENGRANDECE A ALMA**

**JOÃO PESSOA
2014**

JOSÉ DANIEL ALVES BALBINO

**A BIBLIOTERAPIA NO CONTEXTO DO CÂNCER INFANTIL: A LEITURA
ENGRANDECE A ALMA**

**Monografia apresentada ao Curso de
graduação de Biblioteconomia do Centro de
Ciências Sociais Aplicadas da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito parcial
à obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia.**

Orientadora: Professora Dr^a Edna Gomes Pinheiro

João Pessoa
2014

JOSÉ DANIEL ALVES BALBINO

**A BIBLIOTERAPIA NO CONTEXTO DO CÂNCER INFANTIL: A LEITURA
ENGRANDECE A ALMA**

**Monografia apresentada ao Curso de
graduação de Biblioteconomia do Centro de
Ciências Sociais Aplicadas da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito parcial
à obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia.**

Aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Edna Gomes Pinheiro
(Orientadora DCI/UFPB)

Profª Drª Rosa Zuleide Lima de Brito
(Membro DCI/UFPB)

Profª Ms. Genoveva Batista do Nascimento
(Membro DCI/UFPB)

João Pessoa
2014

Balbino, José Daniel Alves

A biblioterapia no contexto do câncer infantil: a leitura engrandece a alma. - João Pessoa, 2013.

Orientadora: Dr^a. Edna Gomes Pinheiro

Monografia (Graduação) Biblioteconomia – Universidade Federal da Paraíba.

1. Biblioterapia 2. Leitura 3. Formação do leitor. I. Título

CDD:

CDU:

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus! que com sua fidelidade e de forma graciosa tem feito maravilhas na minha vida. O que seria de mim sem a fé que tenho por Ele?

À minha família, em especial à minha mãe Maria de Lourdes Alves Balbino e meus filhos Victor Daniel, Lucas Daniel e Polyana Klicia, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À professora Edna Gomes Pinheiro, pela imensa paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

À professora e coordenadora do Curso de Biblioteconomia, Prof^a Geysa Flávia, pelo convívio, apoio, compreensão, brincadeiras e pela amizade.

A todos os professores do Curso de Biblioteconomia da UFPB, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

Ao companheiro de todas as horas, Breno Eduardo, que me deu forças para prosseguir nesta caminhada.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e apoio. Sem a ajuda deles, essa obra não teria nascido, portanto deixo a todos o meu eterno **Muito obrigado!!!**

Dedico,

Especialmente, aos meus amados filhos Victor
Daniel, Lucas Daniel e Polyana Klicia.

O livro é um lugar de papel e dentro dele existe sempre uma paisagem. O leitor abre o livro, vai lendo, lendo e, quando vê, já está mergulhando na paisagem. Pensando bem, ler é como viajar para outro universo sem sair de casa.

(Ricardo Azevedo)

RESUMO

Enfatiza a importância da Biblioterapia como coadjuvante no tratamento de crianças cancerizadas, internas no Hospital Napoleão Laureano (HNL), em João Pessoa, Paraíba-Brasil, no que se refere ao processo de humanização hospitalização. Enfatiza a Biblioterapia como um recurso viável à formação do indivíduo e de suas (trans) formações de vida, haja vista que o muito que se fala sobre os benefícios terapêuticos proporcionados pela leitura. Parte do princípio de que a Biblioterapia se utiliza de recursos informacionais (leitura, contação de histórias, desenhos, atividades lúdicas) e que as informações contidas nesses recursos, quando assimiladas, transformam-se em conhecimentos que podem modificar a forma e a maneira de estar no mundo das pessoas, reeducando-as e adaptando-as ao seu contexto sócio educacional e cultural. Tem como objetivo analisar a importância da Biblioterapia no tratamento do câncer infantil, no que diz respeito à melhoria da qualidade de vida do paciente e a humanização hospitalar com foco nas atividades biblioterapêuticas do Projeto Bem-Te-Vi desenvolvidas no HNL, por docentes e discentes do Curso de Biblioteconomia da UFPB, e a sua contribuição para o bem estar mental das crianças e jovens que lutam contra o câncer. O percurso metodológico constitui-se de uma pesquisa exploratória, ancorada na pesquisa bibliográfica e na observação participante, história de vida, tendo como instrumentos de coleta de dados a entrevista e diário de campo. Conclui-se que a prática biblioterapêutica desenvolvida no HNL além de ter proporcionado momentos de descontração e alegria aos pacientes, demonstrou ser útil no processo de hospitalização e socialização dos pacientes internados nessa instituição hospitalar, bem como na interação Biblioterapeuta/paciente/enfermagem.

Palavras-chaves: Biblioterapia. Leitura. Projeto-Bem-Te-Vi.

ABSTRACT

Emphasizes the importance of bibliotherapy as an adjunct in the treatment of cancerizadas, inner children in Hospital Napoleon Laureano (HNL), in João Pessoa, Paraíba, Brazil, with regard to the humanization process hospitalization. Emphasizes the Bibliotherapy as a viable resource to the formation of the individual and their (trans) formations life, given that much to talk about the therapeutic benefits of reading. Assumes that bibliotherapy uses information resources (reading, storytelling, drawings, play activities) and that the information contained in these resources, when assimilated, transformed into knowledge that can change the shape and the way to be in the world of people, re-educating them and adapting them to their educational and socio-cultural context. Aims to analyze the importance of bibliotherapy in the treatment of childhood cancer, with regard to improving the patient's quality of life and hospital humanization focused on biblioterapêuticas activities of the Bem-Te-Vi Project developed in HNL, for teachers and students of Library Science UFPB, and its contribution to the mental well-being of children and young people struggling against cancer. The methodological approach consists of an exploratory research, anchored in the literature and participant observation, life history, with the data collection instruments to interview and field diary. It follows that the practical library developed in HNL besides having provided moments of relaxation and joy to patients, has proved useful in the process of socialization and hospitalization of patients admitted in this hospital and in library-/ patient / nursing.

Keywords: Bibliotherapy. Reading. Project-Bem-Te-Vi.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2. APORTES TEÓRICOS: A BIBLIOTERAPIA NA LINHA DO TEMPO	14
2.1 As múltiplas formas de olhar a biblioterapia.....	20
2.2 Uma nova forma de ver a biblioterapia: aplicabilidades da leitura.....	21
2.3 Biblioterapia: (Con)versando sobre leitura como função terapêutica	23
3. A BIBLIOTERAPIA COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO	26
4. O PROCESSO BIBLIOTERAPÊUTICO <i>VERSUS</i> USUÁRIO.....	30
5. O PROJETO DE EXTENSÃO BEM-TE-VI	33
6. A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	34
6.1 Caracterização da pesquisa.....	34
6.2 Local e sujeitos da pesquisa	35
6.2.1 Unidade Pediátrica Dr. João Nóbrega de Figueiredo	36
7. PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS	38
7.1 Análise e interpretação dos dados	39
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS	57

1 INTRODUÇÃO

Conforme os dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2012), o Câncer representa, no Brasil, a primeira causa de morte por doença em crianças e adolescentes, sendo os tumores mais freqüentes as Leucemias. O câncer, além de ser um dos problemas mais complexos que o sistema brasileiro de saúde enfrenta, afeta anualmente cerca de 11 mil crianças e adolescentes, entre 1 e 19 anos. A dimensão da incidência do câncer no país comprova que este precisa ser encarado, definitivamente, como um grave problema de saúde pública, o que reforça a necessidade de uma assistência humanizada entre os profissionais de saúde que atuam diretamente com os pacientes cancerosos visto que, com a descoberta, são afetados conseqüentemente pelo sofrimento, insegurança, além da dor física e psicológica, deixando-os deprimidos, revoltados e ansiosos.

Sensibilizados com esta situação, diversos profissionais como enfermeiros, médicos, psicólogos, pedagogos, bibliotecários buscam alternativas como forma de amenizar e/ou reverter o quadro desses pacientes fragilizados. Dentre as alternativas está inserida a Biblioterapia, técnica terapêutica complementar bastante aplicada entre profissionais bibliotecários. Tema de principal abordagem desta pesquisa, com foco no âmbito biblioteconômico.

Surgem então as seguintes problematizações: de que forma a Biblioterapia contribui para beneficiar o tratamento das crianças enfermas? De que maneira a leitura pode ser aplicada como uma técnica terapêutica? Quais são os métodos que o biblioterapeuta aplica na socialização da leitura? Quais as vantagens da Biblioterapia? Com base nessas reflexões, traçamos como objetivo geral dessa pesquisa: analisar o papel da Biblioterapia desenvolvida no Hospital Napoleão Laureano, no processo de sociabilização e de humanização hospitalar de crianças e jovens que lutam contra o câncer, como fonte de lazer e de informação, na interação biblioterapeuta/paciente/enfermagem. Os objetivos específicos visam explorar os conceitos da biblioterapia; identificar os efeitos terapêuticos da biblioterapia; analisar a biblioterapia como campo de atuação do bibliotecário; avaliar o processo biblioterapêutico diante os usuários.

As transformações decorrentes do tratamento do câncer infantil resultam-se em uma drástica mudança social do indivíduo, mediante o processo de hospitalização e de reabilitação. São diversos os fatores contribuintes para esta mudança, tais como a personalidade do indivíduo; o isolamento social; o estágio da doença; apoio familiar e dos amigos, entre outros.

Portanto, a assistência humanizada de uma equipe interdisciplinar pode trazer bons resultados no processo de socialização. Com o mesmo propósito, torna-se conveniente a existência de um centro de informação especial no âmbito hospitalar voltada para atender e solucionar as necessidades dos enfermos e seus acompanhantes, sendo de suma importância o auxílio do bibliotecário diante a reabilitação do indivíduo, visto que é um profissional da informação, tendo como papel um elo facilitador entre a leitura e meios lúdicos.

Assim sendo, reconhecendo a importância da leitura no contexto da biblioterapia, passamos a abordá-la como função terapêutica, como um método relevante na melhoria da qualidade de vida de pessoas que se encontram hospitalizadas.

A motivação da exploração do tema no contexto do câncer infantil, surgiu através de experiências vivenciadas em um projeto de extensão intitulado projeto “Bem-te-vi: a biblioterapia como arte de encantar as crianças com câncer” realizado no Hospital Napoleão Laureano, instituição referência no tratamento do câncer da Paraíba, as quais nos fizeram crer que sem essas atividades os pacientes, na sua maioria, ficavam ociosos, sem ter como preencher o vazio do tempo, conseqüentemente passavam a sofrer em silêncio, mergulhavam seu pensamento na doença, aumentando significamente as preocupações, o estresse, a angústia e a incerteza diante da doença.

À luz dessa convicção e do convívio com essa realidade despertamos para a necessidade de saber, segundo a ótica dos pais e responsáveis pelas crianças/jovens cancerizados envolvidos no Projeto Bem-Te-Vi, se a Biblioterapia realmente contribuiu para amenizar a dor e a angústia provocada pela doença e pela hospitalização, para o bem-estar físico e mental das pessoas. E, ainda, qual o nível de aceitação da Biblioterapia como atividade terapêutica no contexto hospitalar.

Daí a tônica deste trabalho centrar-se na Biblioterapia, enfocando o ambiente hospitalar. Não é um estudo sobre o câncer, nem tão pouco pretendemos discuti-lo, mas tencionamos dar palavras às vozes que foram silenciadas. Tratamos, portanto, de situações de vida de pessoas que, diante dos seus limites, conseguem transformar os acasos em possibilidades, e na defensiva ante o preconceito e a incerteza, lutam para configurar a sua vida e dar-lhe um novo sentido, com a Biblioterapia.

Ao ordenarmos as idéias, resolvemos dividir o estudo em cinco capítulos, a saber: Introdução, apresentando os aspectos gerais da pesquisa; Fundamentação Teórica, recheada com os autores que mais se identificaram com a proposta da pesquisa, Percurso Metodológico, apontando o caminho escolhido, local da pesquisa e atores envolvidos;

Analises e interpretação do material empírico, apontando as falas dos sujeitos, cujo teor narrativo se tornou imprescindível para alcançar os objetivos.

2. APORTES TEÓRICOS: A BIBLIOTERAPIA NA LINHA DO TEMPO

Uma gama significativa de autores acredita que a leitura é um ato terapêutico, pois encontramos em um livro a chave para entender os problemas existenciais e para lidar com as dificuldades naturais da convivência.

Existe uma variedade de terapias. Da aromaterapia à risoterapia, praticamente tudo pode tornar a vida humana mais humana. Assim sendo, dentre essa gama de terapias encontramos a Biblioterapia que é a terapia através da leitura. Corroborando neste sentido, Guedes (2013, p.232) afirma:

Biblioterapia surgiu do uso da leitura para auxiliar pessoas a melhorar a qualidade de vida, fazendo-as enfrentar seus medos, anseios, problemas e situações difíceis. Não é o ato de ler que possibilita essa situação, mas a interpretação de informações importantes e a sua utilização com o propósito modificador e transformador. (GUEDES, 2013, p. 232).

A origem da Biblioterapia, remota da Antiguidade. Alguns povos já consideravam a leitura como uma das melhores medidas terapêuticas no tratamento de doentes mentais: [...] a linguagem referida ao tema biblioterapia vem como oriundo do grego, cujo o significado é *biblion* – livro e *therapia* – tratamento.

De acordo com Ouaknin (1996, p. 97), a tese central da Biblioterapia é que o ser humano, como criação contínua e em movimento constante, "encontra suas forças no processo narrativo-interpretativo da atividade da leitura".

A linha do tempo acusa que o uso da leitura, com propósito terapêutico, existe desde o antigo Egito. Nas idades Antiga e Média já se praticava o uso terapêutico da leitura, porém sua definição só foi elaborada em 1941 pelo dicionário Dorland's Illustrated Medical Dictionary, como sendo: "emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais".

Tendo em vista a leitura como um elo facilitador e modificador, é possível considerar a biblioterapia uma excelente ferramenta no auxílio do combate contra doenças. Segundo Pereira (1996, p. 36) "A preocupação com a origem da Biblioterapia como idéia surgiu em épocas remotas, pois alguns povos já consideravam a leitura como uma das melhores medidas terapêuticas no tratamento de doentes mentais". Percebemos, portanto que, mesmo inconscientes do quão importante seja a prática biblioterapêutica no tratamento das enfermidades, povos desta época já aplicavam a leitura de forma terapêutica.

Com o passar dos anos, a leitura foi recomendada como apoio à psicoterapia para pessoas portadoras de conflitos internos, depressão, medos ou fobias, assim como para idosos. Em 1802, o norte-americano, Benjamin Rusch passou a recomendar a leitura para doentes de um modo geral. Surgia assim, a Biblioterapia para estudar e analisar a reação dos pacientes diante da leitura.

A biblioterapia, apesar de sua prática antiga, só começou a ser estudada na década de 30, quando Emma T. Foreman “insistiu para que a biblioterapia fosse vista e estudada como uma ciência e não como arte” (ORSINI apud FERREIRA, 2003, p.37). Corroborando com essa asseveração Seitz (2005, p. 92) afirma que:

Na década de setenta, muitos avanços foram alcançados no sentido de proporcionar uma base muito ampla para o desenvolvimento da biblioterapia como um campo a ser explorado por médicos, psicólogos, bibliotecários, educadores e outros profissionais que se engajavam na busca de registrar os benefícios da mesma, quando aplicada a diferentes tipos de clientela. Já, as décadas de oitenta e noventa representaram um aprofundamento das questões teóricas até então consideradas discutíveis, surgindo a identificação de novos métodos e uma constante necessidade de pesquisas para assegurar cada vez mais suas aplicações e o delineamento de nova tendência. (SEITZ, 2005, p. 92)

Contudo, só a partir do século XX é que essa atividade passou a ser adotada com maior intensidade, sendo difundida, principalmente, nos Estados Unidos e na Europa. Atualmente a Biblioterapia se tornou um campo de produção científica e de atuação profissional, envolvendo médicos, psicólogos, educadores, bibliotecários, assistentes sociais, psiquiatras e terapeutas de diversas correntes (FERREIRA, 2003, p. 37).

Mas afinal, o que é biblioterapia? A Biblioterapia deriva-se da junção de duas palavras gregas “*Biblion*” e “*Therapein*”, significando respectivamente ‘livro’ e ‘terapia’. ‘Biblio’ refere-se etimologicamente para designar todo tipo de material bibliográfico ou de leitura, e ‘terapia’ significa restabelecimento ou cura (Seitz, 2005, p.90). Caroline Shrodes, a primeira PhD em biblioterapia, a definiu “como a prescrição de materiais de leitura que auxiliam o desenvolvimento da maturidade e que nutrem e mantêm a saúde mental. Incluiu na Biblioterapia publicações como: romances, poesias, peças teatrais, filosofia, ética, religião, arte, história e livros científicos.” (CALDIN, 2001, p. 3).

A Biblioterapia, mediante a prática de saúde, está associada ao bem-estar do indivíduo, servindo como atividade complementar ao tratamento, visto que o uso terapêutico da leitura tem se mostrado uma prática multidisciplinar, podendo ser utilizada por indivíduos em diferentes situações no processo de reabilitação, geralmente ocorrendo em hospitais, orfanatos, asilos, locais que lidam com o tratamento psicológico de crianças à adultos. Diante

do exposto, observou-se que na área de saúde, a leitura é considerada um elemento indispensável para ajudar aqueles que necessitam permanecer afastados do seu ambiente familiar por muito tempo, em hospitais e creches, o que leva a crer que essa prática social pode incitar uma atitude preventiva e prospectiva.

Ratton (1975) ressalta a utilização da biblioterapia na profilaxia, educação, reabilitação e na terapia propriamente dita, com indivíduos em diversas faixas etárias, acometidos fisicamente ou mentalmente. A escolha e prescrição adequada de livros ou qualquer outro material informacional, de acordo com a necessidade do paciente, é de suma importância no processo terapêutico, visto que está baseado em comentários de leitura e avaliação de resultados.

Ferreira e Guedes (2008, p. 45) afirmam que o ato de ler ou ouvir uma história, o leitor se identifica com um personagem fazendo-o se distanciar de seus problemas, encontrando possibilidade de encarar seus conflitos, sem medo, ansiedade ou autocrítica. Isso permite afirmar que a leitura possui um papel determinante e modificador, capaz de amenizar o lado psicológico do indivíduo ou proporcionar momentos de lazer.

A palavra em si, sempre teve um grande impacto no que se refere à transformação psicossocial do indivíduo, seja oral ou escrita. Observa-se então a finalidade da Biblioterapia nesse contexto, pois a leitura dos livros com propósito terapêutico traz consideráveis benefícios no processo de recuperação, principalmente, quando se trata de leitura agradável, visto que “a leitura proporciona a cada indivíduo uma experiência única de sentimentos e emoções” (BEZERRA, 2011, p. 17).

Há registros de que o uso do livro com objetivos terapêuticos é antigo, mas sabe-se que a nomenclatura da palavra Biblioterapia surgiu da união do livro com a função terapêutica. Quanto à origem do termo Biblioterapia, existe divergências. Porém, Pereira (1996) ressalta que a origem surgiu na América do Norte, na metade do Séc. XIX, através dos trabalhos publicados pelos médicos americanos, Benjamin Rush (1815) e John Minson Galt II, (1853), que relacionam bibliotecas e ações terapêuticas. Benjamin Rush, em seus artigos, enfatiza a importância da biblioteca em hospitais, no auxílio dos pacientes e como forma de entretenimento.

Vale ressaltar que, em 1904, “a Biblioterapia passou a ser considerada um ramo da Biblioteconomia”, sendo aplicado no tratamento psiquiátrico na Biblioteca do McLean Hospital, em Massachussets. (Pereira, 1996, p.31). Além disso:

A Biblioterapia floresceu recebendo um grande impulso, durante a primeira guerra mundial, quando bibliotecários leigos, notadamente da Cruz Vermelha, ajudaram a construir rapidamente bibliotecas nos hospitais do Exército. (PEREIRA,1996, p.38)

Em decorrência desse estudo, nota-se a importância do papel do profissional bibliotecário na prática biblioterápica, como já afirma Ratton (1975), que os administradores de bibliotecas hospitalares foram os mais interessados na utilização do livro como instrumento terapêutico.

Outro destaque importante sobre a prática biblioterápica em ambiente hospitalar é referenciada por Seitz (2006, p. 21), onde afirma que:

Ocorreu em 1916, quando o então Diretor do comitê de controle das instituições do Estado, em Iowa, Estados Unidos, citou o trabalho da bibliotecária Carey, uma pioneira em bibliotecas hospitalares, afirmando que livros são "ferramentas" para serem usadas com uma expectativa inteligente de alcançar resultados. (SEITZ, 2006, p. 21)

Segundo Seitz (2006) o grande impacto que a Biblioterapia obteve na década de 30 foi graças à Bibliotecária Emma T., que insistiu para que a Biblioterapia fosse estudada como uma ciência e não como arte. Tendo como destaque nas publicações e pesquisas relacionadas, durante as décadas de 40, 50 e 60.

A prática biblioterapêutica no Brasil começou a ser explorada através de projetos desenvolvidos em hospitais, escolas, prisões e asilos, além de pessoas com deficiências, com problemas psicológicos, dependentes químicos e doentes crônicos. A citar, o projeto da bibliotecária Maria Helena Hess Alves, na década de 80, que demonstra a possibilidade de aplicação da Biblioterapia diante o processo de reintegração social, no interior do sistema carcerário, tornando-se, portanto, uma benéfica ligação entre a informação e o presidiário no processo terapêutico da leitura, resultando-se na diminuição do estresse por ter sua liberdade privada do meio social. Na década de 90, a Biblioterapia se destacou com o projeto elaborado pela Bibliotecária Marília Guedes, que relaciona portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas, com objetivo preparar o deficiente visual à sua formação profissional dentro do campo educacional, integrando-o na sociedade.

Essa prática tem se consolidado, através de experiências em hospitais de São Paulo, Rio de Janeiro e Pará. Na Região Nordeste, destacou-se a cidade de João Pessoa, devido os projetos desenvolvidos no Hospital Clementino Fraga – pavilhão Henfil (PEREIRA, 1991), no Instituto dos cegos Adalgisa Cunha (PEREIRA, 1987), e no Núcleo de Apoio à Criança com Câncer na Paraíba ‘Casa da Criança’ (PINHEIRO, 2001). Em Fortaleza, a biblioterapia

foi implementada, a partir de agosto de 1994, quando o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, desenvolveu um projeto de biblioterapia no Hospital Infantil Albert Sabin (HIAS). Em 1995, outra experiência dessa natureza foi desenvolvida nessa capital, no Lar Torres de Melo', instituição de amparo a idosos. Posteriormente, ainda em Fortaleza, foi iniciada outra experiência com pessoas idosas na 'Casa de Nazaré' (FONTENELLE, 2000).

A legislação brasileira reconheceu por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL. Lei, 1991), através da Resolução nº. 41 de outubro de 1959, no item 9 o "direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar". Nesse sentido, a educação tem potência para reconstituir a integralidade e a humanização nas práticas de atenção à saúde; para efetivar e defender a autodeterminação das crianças diante do cuidado; para propor outro tipo de acolhimento das famílias nos hospitais, inserindo a sua participação como uma interação de aposta no crescimento das crianças; para entabular uma educação do olhar e da escuta na equipe de saúde mais significativa à afirmação da vida (VASCONCELOS, 2000).

São vários os conceitos relacionados à Biblioterapia. Visando explorar o tema, a autora Rosa (2006, p. 17-19) realizou uma compilação das principais citações dos conceitos e dos objetivos da biblioterapia, acompanhados em ordem cronológica, conforme a tabela abaixo:

Tabela 1 – Biblioterapia: conceitos e objetivos

AUTORES	CONCEITO DE BIBLIOTERAPIA	OBJETIVOS DA BIBLIOTERAPIA
ALICE BRYAN	É a prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental.	Permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para seu problema; auxiliar o leitor a verificar suas emoções em paralelo às emoções dos outros; ajudar o leitor a pensar na experiência vicária em termos humanos e não materiais; proporcionar informações necessárias para a solução dos problemas, e, encorajar o leitor a encarar sua situação de forma realista de forma a conduzir à ação.
KENNETH APPEL	É o uso de livros, artigos e panfletos como coadjuvantes no tratamento psiquiátrico.	Adquirir informação sobre a psicologia e a fisiologia do comportamento humano; capacitar o indivíduo a se conhecer melhor; criar interesse em algo exterior ao

-	-	indivíduo; proporcionar a familiarização com a realidade externa; provocar a liberação dos processos inconscientes; oferecer a oportunidade de identificação e compensação; clarificar as dificuldades individuais; realizar as experiências do outro para obter a cura e auxiliar o indivíduo a viver mais efetivamente.
LOUISE ROSENBLATT	É uma ajuda para o ajustamento social e pessoal; a literatura imaginativa é útil para ajustar o indivíduo tanto em relação aos seus conflitos íntimos como em conflitos com outros. Como o pensamento e sentimento estão interligados, o processo de pensamento reflexivo estimulado pela leitura é um prelúdio para a ação.	Divide os objetivos em de cura e de prevenção. Objetivos de cura: aumentar a sensibilidade social; ajudar o indivíduo a se libertar dos medos e das obsessões de culpa; proporcionar a sublimação por meio da catarse, e, levar o ser humano a um entendimento de suas reações emocionais. Objetivos de prevenção: prevenir o crescimento de tendências neuróticas e, conduzir a uma melhor administração dos conflitos.
ORSINI	É uma técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais.	Classifica os objetivos como sendo de: nível intelectual, nível social, nível emocional e nível comportamental. Assim, a biblioterapia tem como objetivos: auxiliar o auto-conhecimento pela reflexão, reforçar padrões sociais desejáveis, proporcionar desenvolvimento emocional pelas experiências vicárias e auxiliar na mudança de comportamento.
CALDIN	É a leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios.	Proporcionar uma forma de as crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais e quiçá físicos; oferecer moderação das emoções às crianças.

Fonte: ROSA, 2006, p. 17-19.

Diversos profissionais reconhecem a Biblioterapia como uma prática complementar favorável ao tratamento e combate de doenças, sendo de grande relevância no comportamento do indivíduo e no papel social. Como destaca o autor Seitz (2006):

A Biblioterapia é um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais e leituras planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica para problemas emocionais e de comportamento, devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas. Os fatores importantes dessa atividade são: os relacionamentos estabelecidos, as respostas e as reações do paciente, a entrega do relatório ao médico para a interpretação, a avaliação e a direção do acompanhamento. (SEITZ, 2006, p.19)

Desta forma, com o auxílio do bibliotecário, a Biblioterapia mostra-se útil, sendo capaz de reverter o estado psicossocial do indivíduo, transformando-o de maneira satisfatória às diferentes situações em sua vida. A Biblioterapia é notavelmente uma técnica aplicável por diferentes profissionais, formando assim equipes multidisciplinares, sendo indispensável o profissional bibliotecário nessa formação que, como já relatado, tem o dever de fomentar o prazer da leitura tornando-se um elo entre o usuário e o livro.

2.1 As múltiplas formas de olhar a biblioterapia

Conforme Rosa (2006, p. 26) a Biblioterapia constitui-se de um “processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal”, baseando-se na literatura e na complementação de outros recursos como contação de estórias, bonecos de fantoches, música, filmes e todos os tipos de materiais audiovisuais, como cita Pereira (1996, p.49).

A Biblioterapia, independente de ser analisada como arte ou como ciência, tem como vantagem a técnica de aconselhamento natural decorrente da utilização de livro ou outro material. Apesar de sua complexidade, tanto na prática quanto na discussão, o interesse pela Biblioterapia, diante os profissionais, têm-se despertado cada vez mais na atualidade. Profissionais como psicólogos, bibliotecários, educadores e assistentes sociais são indispensáveis neste processo.

Conforme Ratton (1975), o livro proporciona uma série de benefícios ao homem, tais como a possibilidade auto-conhecimento, conscientização, superação, elevação da auto-estima, estímulo à criatividade, entre outros. Considera-se a Biblioterapia, uma prática de grande valia no que se refere ao crescimento pessoal e social do indivíduo. Tendo a leitura como um processo de grande repercussão terapêutica, tópico que será abordado adiante.

Dentre os benefícios que a biblioterapia oferece, no campo da saúde, é possível citar que:

Não constitui risco; as leituras são aceitas pelos pacientes, uma vez que não são percebidas como intrusas; reduz o nível de resistência psicológica dos pacientes e por isto dá agilidade ao processo de trocas, à interação; estimula a independência do paciente, que busca a cura por si mesmo. (LIMA, 2009, p. 8)

2.2 Uma nova forma de ver a biblioterapia: aplicabilidades da leitura

O ato de ler possui suas variadas intenções. Seja na descoberta de novos conhecimentos; na busca de informações simples ou complexas; na busca da compreensão do mundo real; no ato prazeroso de ler, em busca de diversão ou descontração. A leitura possibilita, portanto, uma livre participação do homem na sociedade, representando um instrumento de grande poder nas mãos daqueles que a detêm. Como destaca o autor Seitz (2006, p.38):

A leitura é uma procura incessante de significados e, quanto mais o indivíduo ler, mais preparado estará para interpretar o mundo, passando a dominar o saber, cujo propósito básico é a apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito. Portanto, toda leitura de um texto é individual, sendo o texto plurissignificativo: cada pessoa, dependendo da sua vivência pessoal, atribui um determinado significado. (SEITZ, 2006, p. 38)

De fato, através da leitura adquire-se conhecimento. Consequentemente, o conhecimento torna-se sempre um ato modificador, introduz novas relações e percepções, além de obter vantagens pessoais, valorizando o homem, que busca soluções de possíveis problemas, soluções de conflitos, que reconstrói a sociedade, já que a literatura nos transmite sentimentos, fantasias, realidades e prazer. Conforme a abordagem do tema, Magnani (2001, p.95), afirma que:

O que agrada na literatura trivial infanto-juvenil é a aparência que causa uma sensação de atividade. Essa variação, de resto presente também nos meios de comunicação de massa em geral, dá-se principalmente no nível dos conteúdos fabulativos, que buscam mobilizar a consciência e a sensibilidade do leitor, dosando cuidadosamente entretenimento e curiosidade. (MAGNANI, 2001, p.95)

Para que a leitura seja um ato importante e transformador é preciso que haja interesse do leitor. Estudiosos afirmam que os direitos do leitor devem ser respeitados. Sendo assim, a valorização da leitura perante o leitor torna-se um hábito. Pois segundo Bamberger (1997, p.11), o "'direito de ler' significa igualmente o direito de desenvolver as capacidades intelectuais e espirituais da pessoa, o direito de aprender e progredir". Promove novos conceitos, transmissão de pensamentos e modificação de costume. Como ressalta Silva (2005, p.38):

As experiências conseguidas através da leitura, além de facilitarem o posicionamento do ser do homem numa condição especial (o usufruto dos bens culturais escritos, por exemplo), são, ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento. (SILVA, 2005, p.38)

A leitura busca, basicamente, compreender os significados que são atribuídos ao indivíduo e transformá-los em significados pessoais, visto que o senso crítico é um dos recursos mais eficazes da leitura. Nota-se, portanto, que o indivíduo inspira-se ainda mais para ler quando se identifica com o tipo de leitura.

Não é fácil classificar a leitura. Percebe-se, através da literatura pesquisada, que cada autor possui o seu ponto de vista. Com intuito relacionar a leitura com as ações do bibliotecário no tratamento terapêutico, baseou-se nos conceitos do autor Richard Bamberger.

A melhor forma de qualificar um tipo de leitura é identificar o interesse do leitor ou a qual grupo pertence, pois existe uma diversidade de leitores, nos quais suas motivações e interesses refletem no tipo de leitura escolhida. Referindo-se a esse contexto, Bamberger (1997) classifica quatro tipos de leitura como expressão de motivação, são eles: a Leitura Informativa – leitura de informação e interpretação; Leitura Escapista – leitura prazerosa, de gosto pessoal, que interessa mais; Leitura Literária – constitui uma fuga da realidade, leitura de símbolos do cotidiano; e Leitura Cognitiva - leitura de compreensão de si mesmo e do mundo. Conforme Bezerra (2011):

É fundamental compreender que, na formação de cada indivíduo, a leitura é de grande importância, pois representa um papel fundamental no processo de construção do conhecimento, como fonte de informação, na formação cultural e como forma de lazer e prazer, pois a leitura é considerada uma forma de investigação, reflexão, rupturas e construção de idéias. (BEZERRA, 2011, p. 25)

A leitura também pode ser uma atividade lúdica, de forma superficial, podendo também estar ligada ao prazer de ler, de modo que, ao ler ou ouvir uma história, possa sentir-se motivado e envolvido por ela. (CAGLIARI, 2002). Quanto à leitura de forma prazerosa, Ribeiro (2005, p.21), afirma que este tipo de leitura provoca recordações, sentimentos e emoções especiais. Transmite valores morais e sócio-culturais. Pois como destaca o autor:

Quando se lê um romance, um conto, a letra de uma canção utiliza-se este tipo de leitura. Trata-se, geralmente, de um tipo de leitura silenciosa, em que a forma de ler é pessoal. O mais importante é a experiência emocional desencadeada. Com este tipo de leitura desenvolvemos a capacidade criativa e a sensibilidade estética. (RIBEIRO, 2005, p. 21)

Qualquer que seja a sua classificação, a leitura sempre exerceu um papel importante na vida do indivíduo. Como já dito, a leitura proporciona satisfações, compreensão da realidade, em decorrência do ato de ler surge novos conceitos, novos olhares, constrói o senso crítico. Além da leitura e suas diversificações, vale ressaltar a leitura com propósito terapêutico, a citar adiante.

2.3 Biblioterapia: (Con)versando sobre leitura como função terapêutica

Diante à prática biblioterapêutica, o indivíduo geralmente tem acesso a dois tipos de literatura: a literatura de ficção e literatura didática. As técnicas utilizadas nos dois tipos de leitura podem ser semelhantes, ou seja, na universalização, identificação, catarse e *insight*.

O que se entende por leitura terapêutica? Baseando-se em estudos filosóficos como, exemplo, a teoria da catarse¹ de Aristóteles e estudos psicanalíticos, Caldin (2001) responde que “a função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar a pacificação das emoções. Como afirma a autora, em seus artigos, o ato de comover-se com a leitura provoca conseqüentemente o efeito de placidez, proporcionando o alívio prazeroso. Considerando as teorias psicanalíticas de Iser, Caldin ressalta que a literatura tem um caráter compensatório, haja vista que ‘os textos literários mudam, em um sentido terapêutico, o estado psíquico do leitor’ (CALVIN apud ISER, 1999, v. 1, p. 85).

Com base nas pesquisas bibliográficas e eletrônicas, pôde-se observar que a leitura, diante às práticas biblioterapêuticas, é vista como uma ferramenta que se utiliza de várias técnicas e instrumentos combinados. Segundo Elliott et al. (2011), “Ler histórias para as crianças é suscitar o imaginário, é responder perguntas, é encontrar novas ideias, é estimular o intelecto, etc.”. Bezerra (2011) reforça que:

A brincadeira, a musicalidade, a dramatização, a contação de histórias, a dança são práticas essenciais para o desenvolvimento cultural e recursos que facilitam o processo de socialização, pois o indivíduo aprende sobre si e sobre o mundo ao seu redor. (BEZERRA, 2011, p. 26)

A oralidade destaca-se como uma das funções terapêuticas primordiais, por enriquecer a comunicação e possibilitar uma maior compreensão ao indivíduo. Nesta ocasião, a Hora do Conto fundamenta-se em atrair o gosto pela leitura e despertar o imaginário do leitor, sendo

¹ Refere-se à purificação das almas por meio de uma descarga emocional provocada por um drama.

de grande relevância no resgate da imaginação e das emoções. Conforme Fonseca (2007, p.50) ressalta:

Através das histórias infantis, a criança pode enfrentar seus medos, viver seus sonhos, criar seus personagens e ser ajudada, a decifrar e explicar seu mundo, pois experimenta, em si mesma, outras possibilidades de existir. Não se trata de fugir da realidade nem de buscar refugio no sonho, criando fantasias para viver; ao contrário, a criança parece utilizar os contos infantis para *experenciar* todos os seus sentimentos que, no momento da internação, estão confusos e fazem incríveis e inexplicáveis combinações: amor/medo; coragem/tristeza, etc. (FONSECA, 2007, p.50)

Percebemos então a função terapêutica da leitura como forma de ajustamento psicossócio-cultural. Contar, ler ou ouvir histórias, durante as atividades biblioterapêuticas, proporciona satisfação do indivíduo, faz com que o leitor e o ouvinte vivenciem os personagens, através do imaginário, que pode transformar em valor sedativo ou curativo.

Tendo como ordem intelectual, social, emocional e comportamental, Ferreira (2003) ressalta a importância da Biblioterapia como processo de interação de sentimentos, valores e ações, resultando em um melhor ajustamento à vida.

O que diferencia a leitura normalmente feita por qualquer leitor, da leitura oferecida através da biblioterapia, é a intensidade e os objetivos. A partir da leitura de um texto literário com funções terapêuticas acontece a aproximação do paciente de uma experiência de sentido que promove o jogo interpretativo, obrigando ao leitor/ouvinte assumir outras posições, através do desligamento e utilização do aspecto racional do leitor/ouvinte, como a percepção, a capacidade cognitiva, inteligência e compreensão, sem deixar de lado a emoção de forma a obter mudança através do auto-conhecimento. (BERNARDINO; ELLIOTT; NETO; 2012, p.6)

A Biblioterapia diversificou-se em vários projetos. Cita-se como exemplo de grande referência à prática biblioterapêutica, o filme de “Patch Adams, o amor é contagioso” que, baseado em fatos verídicos, foi inspirado no médico Hunter Doherty, famoso por sua metodologia inusitada no tratamento de pacientes cancerosos. O filme retrata solidariedade e humanização, que são pontos essenciais da Biblioterapia.

Como forma de contribuição bibliotecária nesse contexto, vale destacar o projeto de extensão idealizado pela Coordenadora Edna Gomes Pinheiro (UFPB), intitulado “Bem-te-vi: a Biblioterapia como arte de encantar as crianças com câncer”, desenvolvido por docentes e alunos, que utilizou, satisfatoriamente, vários recursos lúdicos como música, dramatização, contação de histórias e jogos lúdicos. Como explica Balbino et al. (2013):

Na tentativa de compreender o sentido da leitura no tratamento desses atores sociais que se encontram ausentes do lar, da família e da escola, surgiu o projeto supracitado, no intuito de desencadear atividades extensionistas, por meio da Biblioterapia, ou seja, da ludicidade, do faz-de-conta, das brincadeiras, das histórias, dos desenhos e dos jogos, de modo a pensar, estrategicamente, a dimensão e o efeito da leitura na vida de crianças e jovens acometidos pelo câncer, a fim de atender as necessidades pedagógicas educacionais, estimular a autoestima e a construção da pedagogia da escuta, da criatividade e do afeto no espaço hospitalar. (BALBINO et al., 2013, p.2)

Pinto (2005) defende a Biblioterapia como campo de atuação do bibliotecário, ressaltando que a mesma deve ser praticada juntamente com outros profissionais de saúde como psicólogos, terapeutas, entre outros. A seguir abordar-se-á o perfil do profissional bibliotecário frente à Biblioterapia.

3 A BIBLIOTERAPIA COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

Segundo Alves (1982), “em 1914, a biblioterapia passa a ser considerada como um ramo da biblioteconomia, quando uma certa bibliotecária, assumindo a direção de uma biblioteca hospitalar, em Massachusetts, resolve fazer suas próprias experiências” (ALVES, 1982, p. 55).

Com base nas pesquisas realizadas, as práticas biblioterapêuticas se iniciaram primeiramente em ambientes hospitalares, inicialmente voltada a atender pacientes com distúrbios mentais, com finalidade preventiva sendo observada como método auxiliar no desenvolvimento pessoal do indivíduo, expandindo posteriormente para outras áreas, como na Educação.

Como ressalta Ferreira (2003, p. 39), o papel do Bibliotecário na prática da Biblioterapia depende do nível da sua formação:

O envolvimento do bibliotecário varia em nível e grau, de acordo com sua formação. Sendo também psicólogo, com formação específica poderá coordenar o processo atuando integralmente como biblioterapeuta. Caso seja apenas bibliotecário integrará uma equipe multidisciplinar, atuando em vários papéis ou, em caso extremo, selecionando e preparando os textos a serem usados no processo. (FERREIRA, 2003, p.39)

Vale destacar, diante as práticas biblioterapêuticas, que o profissional bibliotecário possui um papel fundamental, visto que um de seus objetivos é fomentar o prazer da leitura em um exercício de efeito saudável. Nos tempos atuais, o profissional bibliotecário deve ir além da sua capacidade técnica. Como afirma Oliveira (et al., 2011):

Apesar da visão tradicional do bibliotecário, como sendo apenas um profissional que preserva os materiais bibliográficos, muitas vezes ficando isolado em suas salas de catalogação, classificação e outras atividades técnicas, sua função tem mudado bastante no decorrer dos tempos. Assim como outras profissões, a Biblioteconomia foi atingida pelas mudanças que afetam a sociedade contemporânea. (OLIVEIRA et al., 2011, p7)

Diante as considerações de Pinto (2005) afirma-se, portanto, que a sociedade atual modificou-se, no sentido evolutivo, em decorrência das transformações tecnológicas. O que fez impulsionar também as atividades do bibliotecário, não se restringindo apenas aos serviços técnicos da biblioteca. Atualmente, profissionais de todas as áreas buscam, além do aperfeiçoamento técnico, um tratamento diferenciado, melhor dizer, humanizado. Em

referência a este tipo de tratamento, humanista, dentre as várias atuações do bibliotecário, encontra-se o Biblioterapeuta.

A Biblioterapia como campo de atuação do bibliotecário é de grande relevância social. Segundo Pereira (1996), a atividade do biblioterapeuta, com auxílio de outros profissionais específicos, está fundamentalmente voltada a atender a um objetivo em comum: o bem estar social dos indivíduos. Como afirma Leite (2009, p.34):

Para que o bibliotecário envolva-se na prática de Biblioterapia, é necessário que esteja informado sobre as iniciativas de trabalho e pesquisa sobre o tema. Desta forma será possível estabelecer contatos com outros profissionais para o compartilhamento de idéias, conhecer a realidade de cada grupo estudado para estruturar o seu programa de Biblioterapia e divulgá-lo para a comunidade científica e comunidade em geral. (LEITE, 2009, p.34)

Dentre as qualidades ideais ao biblioterapeuta cita-se a estabilidade emocional, o bem estar físico, caráter, personalidade, controle de preconceitos; tolerância; objetividade, habilidade, flexibilidade, domínio dos próprios sentimentos; precisa assumir responsabilidade pela seleção de material de leitura e de acordo com as necessidades do leitor.

Kinney (1962 apud PEREIRA 1996, p. 35) diz que “o biblioterapeuta é primeiramente um bibliotecário que vai mais adiante no campo da orientação da leitura e torna-se um profissional especializado”. Diversos estudos consideram de grande importância a atuação do biblioterapeuta diante as crianças hospitalizadas, em decorrência das atividades multifuncionais que a biblioterapia oferece, como a leitura e os objetos lúdicos complementares. Das ferramentas biblioterapêuticas que são aplicáveis ao profissional bibliotecário, pode-se referenciar:

- Contação de história – trata-se de um recurso terapêutico multidimensional, pois instiga o imaginário do indivíduo.
- Música - serve como motivação, eleva a auto-estima através do ritmo, melodia e harmonia. Tem como função amenizar e suavizar o sofrimento do indivíduo.
- Dramatização - a dramatização da história é um recurso perfeitamente válido para complementar a leitura ou a narração do texto literário.

Além dessas ferramentas, existem outras maneiras de promover a leitura terapêutica, cabendo ao profissional bibliotecário o domínio quanto às ferramentas oferecidas. Conforme

Caldin (2005), o mais importante é saber escolher as histórias, contos, poesias e dominar outros instrumentos lúdicos complementares.

Ao percorrer deste capítulo, constatou-se que o biblioterapeuta é, antes de tudo, um profissional bibliotecário especializado, que visa promover a leitura enquanto um instrumento terapêutico, atuando em diversos âmbitos da sociedade junto com outros profissionais. Vale ressaltar que a função de biblioterapeuta é exercida também por médicos, enfermeiros, psicólogos, psiquiatras e terapeutas ocupacionais. Ou seja, não existe um consenso. O fato é que as primeiras experiências foram feitas por médicos em bibliotecas hospitalares.

Silva (2005, p. 14) ressalta que a “[...] experiência profissional com biblioterapia é variada, o que contribui para refletir a sua relevância social”. Em sua pesquisa, pontua trabalhos realizados por diversos tipos de profissionais, em ordem cronológica, listados a seguir, na tabela 2.

Tabela 2 – Trabalhos biblioterapêuticos realizados

ANO	NOME	PROFISSÃO	ATIVIDADE
1934	Sadie Peterson-Delaney	Bibliotecária	Trabalho no Hospital de Veteranos em Tuskegee, pioneira no uso da biblioterapia.
1937	William C. Menninger	Médico	Programa de biblioterapia em sua clínica médica.
1945	Jerome M. Schenek	Médico	Tratamento hipoglicêmico da esquizofrenia e da depressão.
1951	Thomas V. Moore	Médico	Atendimento de delinquentes juvenis.
1973	J. H. Kirchner	Psiquiatra	Biblioterapia em instituições de ensino.
1975	Mildred T. Mood; Hilda K. Limper	Bibliotecárias	Trabalho com crianças e jovens com dificuldades de adaptação.
1979	Maurice Barker	Psicólogo-clínico	Trabalho com o interesse de jovens pela leitura.
1982	Maria Helena Hess Alves	Bibliotecária	Uso de biblioterapia nas prisões, buscando a recuperação dos detentos.
1989	Maria do Socorro Azevedo Félix Fernandez-Vasquez	Bibliotecária	Trabalho com idosos residentes em asilos.
1992	D. A. Matthews; R. Lonsdale	Bibliotecários	Uso da terapia de leitura com crianças autistas, com medo do escuro, situação de morte e luto, filhos de pais divorciados e alcoólatras, além de doentes mentais.
1996	Marília M. Guedes Pereira	Bibliotecária	Utiliza a biblioterapia com deficientes visuais.

2000	Eva Maria Seitz	Bibliotecária	Utiliza a biblioterapia com pacientes internados na clínica médica.
2002	Clarice F. Caldin	Bibliotecária	Biblioterapia na ala pediátrica de hospitais.

Fonte: GUEDES, 2013

Percebe-se, pelo quadro acima, que a biblioterapia é aplicável por diversos profissionais. Porém, nota-se que os profissionais bibliotecários estão cada vez mais atuantes nas atividades biblioterapêuticas, como os principais mediadores da informação.

E quais são os tipos de biblioterapia utilizado pelo bibliotecário? Segundo Pereira (1996) a Biblioterapia divide-se em três processos: a Biblioterapia Institucional, Biblioterapia Clínica e Biblioterapia para desenvolvimento pessoal.

- Biblioterapia Institucional refere-se ao uso de literatura, inicialmente didática, em indivíduos institucionalizados. Para esta finalidade, utilizam-se textos de higiene mental, recomendados para pacientes com problemas mentais e conta com a participação de bibliotecários ou uma equipe médica.
- Biblioterapia Clínica conta com a participação de bibliotecários, médicos e psicoterapeutas e enfoca pacientes com problemas de saúde mental e distúrbios comportamentais, tem por objetivo reverter o quadro do paciente, utilizando materiais devidamente selecionados conforme o perfil de cada enfermo.
- Biblioterapia para Desenvolvimento Pessoal, como já diz, tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento pessoal. Refere-se a programas educacionais para crianças e adolescentes, podendo ser trabalhada de forma coletiva e possui caráter preventivo e corretivo.

4 O PROCESSO BIBLIOTERAPÊUTICO *VERSUS* USUÁRIO

Portanto, visando à obtenção de melhores resultados na prática biblioterapêutica, o grupo ou indivíduo deve ser analisado antes da técnica ser aplicada, além disso, obter informações detalhadas sobre: perfil do público-alvo, as preferências de leitura; explorar os recursos materiais como músicas, filmes, atividades lúdicas, etc; informar se o indivíduo tem interesse ou não em participar da prática biblioterapêutica; formar uma equipe interdisciplinar. Sendo assim, destaca-se de maneira positiva o papel do biblioterapeuta nesse contexto, tendo competência para assumir as atividades de forma adequada e buscando sempre a satisfação do usuário diante suas necessidades.

Buscar um auxílio emocional durante o processo de reabilitação, por alguma doença acometida, é sempre uma alternativa relevante para indivíduos que necessitam. A Biblioterapia é vista como uma excelente ferramenta, capaz de proporcionar ao indivíduo certo bem-estar, como observa Elliott et al. (2011) “a Biblioterapia atua no auxílio a aceitação do tratamento e conseqüentemente da cura. A função terapêutica da leitura admite que a literatura produza a pacificação das emoções. Através da emoção resultante da tragédia, ou seja, a catarse”.

Diversos estudos comprovam que o tratamento biblioterápico, diante os indivíduos acometidos pelo câncer, como crianças e adolescentes, é de grande relevância, resultando em mudanças benéficas em seus comportamentos. Baseando-se nessas reflexões, é possível considerar a biblioterapia uma ferramenta auxiliar que busca o efeito curativo da doença, além dos tratamentos quimioterápicos e radioterápicos. O auxílio da biblioterapia é importante, pois se utiliza da leitura como recurso modificador, proporcionando o bem-estar das crianças. Podendo, neste sentido, ser utilizada como forma de lazer e informação, assim como também no processo de socialização, visto que, em decorrência do tratamento prolongando, elas são afetadas psicologicamente pela doença, levando-as ao estresse, dor e desconforto.

No ato da realização da biblioterapia torna-se essencial a leitura, o diálogo e a interação, pois a leitura proporciona várias interpretações, ou seja, depende do entendimento do indivíduo e a forma de ver o seu mundo. Através do texto é possível compartilhar experiências, interpretações e interesses.

Não se deve confundir a biblioterapia com a psicoterapia. A biblioterapia caracteriza-se pelo encontro do livro com seu leitor e a psicoterapia, o encontro entre o paciente e o terapeuta (CALDIN, 2001). Ou seja, Conforme LIMA (2009):

o livro desempenha o papel do terapeuta enquanto o biblioterapeuta é aquele que conduz o processo em que as formas orais, visuais, gestuais, entre outras, podem estar presentes. Assim, a função do biblioterapeuta é dinamizar o diálogo entre o autor e o seu leitor visando facilitar o processo de tratamento terapêutico. (LIMA, 2009, p. 6)

Conforme Balbino et al., (2013), o projeto de extensão, realizado no ano de 2013, intitulado “Bem-te-vi: a biblioterapia como arte de encantar as crianças com câncer”, coordenada pela professora Edna Gomes Pinheiro, trouxe uma significativa contribuição terapêutica para o tratamento de criança e de adolescentes vítimas de câncer, internadas no hospital Napoleão Laureano. As ações biblioterapêuticas empregadas nesse projeto apontaram resultados positivos na diminuição do nível de estresse, de tristeza, de desalento e a ansiedade que acompanha a doença, visto que a biblioterapia em parceria com a ludicidade, contribui para promover o bem estar, auxilia no desenvolvimento emocional e na mudança de comportamento, causado pela atenção do cuidado com o paciente, ou seja, pela dimensão fraternal do cuidar, do se importar com os outros, do se colocar no lugar do outro. O somatório de todos esses elementos tem levado a leitura não apenas como atividade necessária, mas também como atividade prazerosa, proporcionando às crianças e adolescentes hospitalizados uma visão mais humanizada do ambiente que os cerca, visto a ampliação de seus horizontes e conhecimentos.

Caldin (2010, p.12) destaca que quando a criança se maravilha com a história, considera-se então uma história terapêutica. A leitura permite o envolvimento emocional da criança com os personagens, aprendendo assim a lidar com seus próprios dramas e conflitos.

Torna-se evidente que a biblioterapia influencia no modo de pensar e agir das crianças enfermas, fazendo-as espantar seus medos e anseios despertando o desejo de saudar e ver a vida de outra maneira. Tais reações foram observadas por Caldin (2001), no qual destacou os componentes básicos da Biblioterapia, sendo eles:

- **Catarse:** pacificação, serenidade e alívio das emoções, os textos lidos podem provocar ou modificar os indivíduos ao ler;
- **Humor:** ação do superego agindo sobre o ego a fim de protegê-lo contra a dor, ou seja, transforma o que poderia ser sofrimento em prazer, é dessa forma que os textos de humor constituem como uma fonte terapêutica.
- **Identificação:** na identificação com o outro, o sujeito se molda total ou parcialmente segundo o modelo desse outro, ou seja, a criança tenta copiar o outro que lhe agrada com seus gestos, manias, atitudes e aspectos.

- Introjeção: tem relação com a identificação, o indivíduo pode internalizar objetos e qualidades inerentes a esses objetos.
- Projeção: colocar para fora seus sentimentos, ou seja, o indivíduo transfere idéias, sentimentos, etc. a outro.
- Introspecção: reflexão que o indivíduo faz de seus sentimentos, favorecendo a possibilidade de mudança no seu comportamento.

Em síntese percebemos após o delineamento desse referencial teórico, que as convicções de todos os autores, ora apresentadas, são semelhantes ao nosso modo de refletir a temática desse estudo. Sabemos que ainda temos muito que construir, porque este caminho não termina aqui. Outros pesquisadores dessa temática encontrarão novos rumos, encontrarão outros autores a mostrar-lhes outros horizontes teóricos.

5. O PROJETO DE EXTENSÃO BEM-TE-VI

O projeto Bem-te-vi, conforme as condições oferecidas pela extensão, vinculada à UFPB, durante oito meses, ofereceu oportunidades de lazer, distração e bem-estar às crianças portadoras de câncer. No decorrer deste período foram aplicadas diversas atividades tais como contação de histórias, pinturas, musicoterapia, roda de leitura e utilização de diversos objetos lúdicos. A equipe do projeto Bem-te-Vi foi convidada a participar do Encontro Paraibano de Contadores de Histórias, na qual a teve a oportunidade de participar da oficina “Biblioterapia: técnica de aconselhamento”, ministrada pela Bibliotecária Marília Guedes na CEDESP (UFPB). Este evento contou com a participação do grupo musical Amigos do Choro, da escola Toque de Vida, além do poeta palestrante Marco de Aurélio que abordou o tema “A força da palavra”. No encerramento do evento foram realizadas apresentações da produção realizada nas oficinas, onde o grupo participou da dramatização da história de Jack, um homem que ficou cego e enfrentou vários obstáculos, porém contou com a ajuda de sua família e a equipe multidisciplinar na qual buscou apoio, conseguindo superar a sua deficiência.

Mais adiante a equipe dedicou uma parte do seu tempo promovendo campanhas para arrecadações de novos livros e brinquedos, visando à realização de diversos eventos, tais como o Dia do livro e a festa natalina das crianças, no qual obteve um enorme sucesso. Enfim, uma experiência rica e proveitosa, fruto de inspiração deste trabalho monográfico. A biblioterapia hospitalar tem se mostrado um excelente campo de atuação do bibliotecário, tornando o reconhecimento da equipe Bem-te-vi, como um ótimo contribuinte para a recuperação dos pacientes que estão em tratamento na pediatria do Hospital Napoleão Laureano, o que motivou a realização desta pesquisa monográfica.

Ressalta-se que a seleção intencional dos sujeitos da pesquisa encontrou respaldo na contribuição dos alunos participante do projeto, que ajudaram a selecioná-los, segundo os critérios de *interação, conhecimento e idade*, indicando aqueles que mais se adequavam à pesquisa, ou seja, os que estavam no hospital, há mais tempo. Para essa seleção estabelecemos, ainda, alguns parâmetros de inclusão, a saber:

- a) Desenvoltura no processo comunicacional — condições de compartilhar problemas e possibilidades de atribuir sentido às ações propostas na pesquisa;
- b) Interesse — espírito participativo em atividades já desenvolvidas no projeto BEM-TE-VI.
- c) Participação voluntária.

6. A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Neste capítulo serão explorados os procedimentos metodológicos que norteiam esta pesquisa. Abordar-se-á, primeiramente, a sua caracterização e conseqüentemente o tipo, local e sujeitos da pesquisa.

6.1 Caracterização da pesquisa

O percurso metodológico dessa investigação foi delineado através da pesquisa participante apoiada na abordagem qualitativa, porque a intenção não foi apenas constatar e descrever uma situação, mas participar efetivamente refletindo e analisando o processo. Nesse estudo exercemos a função de biblioterapeutas, quando planejamos, executamos atividades com os atores da pesquisa, e de pesquisadores quando observamos, analisamos e registramos informações no diário de campo. A abordagem qualitativa foi escolhida por ser considerada a mais adequada ao problema a ser investigado, por compartilhar com fundamentos teóricos e modelos, com as técnicas da escrita, do diálogo e do saber ouvir. Na tentativa de compreender melhor as situações e angústias de crianças e jovens acometidos pelo câncer.

Compreendemos que esse percurso teve o intuito de descrever as experiências vividas e os significados que a experiência teve para os sujeitos que a observaram, utilizando a observação atenta para descrever os dados como se apresentaram. Preocupa-se em compreender o fenômeno, e não em explicá-lo. Essa colocação é relevante, posto que revelou as interações das crianças e jovens hospitalizados, com a biblioterapia, sob a ótica de seus pais ou responsáveis,

A amostra investigada constituiu-se de 10 sujeitos (pais ou responsáveis pela criança hospitalizada). A coleta de dados foi realizada através de entrevista dirigida, aplicada no mês de julho de 2014, com dois encontros semanais, totalizando oito encontros.

6.2 LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Hospital Napoleão Laureano (HNL). No dia 24 de fevereiro de 1962, no estado da Paraíba, a Fundação Laureano entregou à cidade de João Pessoa e aos paraibanos o Hospital que, de forma justa e merecida, recebeu o nome do idealizador e mártir Dr. Napoleão Laureano, médico que havia traçado um vasto plano de ação em benefício dos cancerosos brasileiros em sua breve existência, tendo grande sucesso na sua realização, porém onze anos após seu falecimento. Referência no tratamento do câncer na Paraíba, o Hospital é uma instituição filantrópica onde recebe pacientes de todos os municípios paraibanos e até de estados vizinhos.



Fonte: Romualdo Luiz, 2014.

Conforme o seu regimento interno, o Hospital Napoleão Laureano é a unidade principal da Fundação Napoleão Laureano, entidade filantrópica e de utilidade pública Federal, Estadual e Municipal, e por ela é mantido, dirigido e administrado, e tem por finalidade tratar de pessoas portadoras de enfermidade neoplásicas; servir de campo de aprendizado nas atividades relacionadas à assistência médica hospitalar; Contribuir para a educação sanitária da comunidade; colaborar no aperfeiçoamento de profissionais relacionados à assistência à saúde e estudo científico. (REGIMENTO INTERNO, 2008)

Para que um hospital possa obter o certificado de filantropia deve ofertar, no mínimo, 60% de seus leitos para o Sistema Único de Saúde (SUS) ou oferecer atendimento gratuito correspondente a 20% do faturamento total do hospital. A Fundação Laureano em seu relatório atual demonstrou mais uma vez sua missão social com um total de 90% de atendimento pelo SUS (CONSELHO DELIBERATIVO DO HOSPITAL, 2010). Em 2012, este número representou mais de 380 mil procedimentos, entre consultas, cirurgias, diagnósticos por imagens e exames ambulatoriais, além de procedimentos de alta complexidade, a exemplo dos tratamentos de quimioterapia e de radioterapia. A direção da instituição ressalta que o Hospital Napoleão Laureano é um dos principais parceiros do SUS

no tratamento do câncer, em João Pessoa, além de ser o único da Capital a prestar assistência aos portadores de câncer pelo SUS. Os números comprovam que, apesar de toda a dificuldade, a maioria dos atendimentos são para pessoas carentes, que dependem, exclusivamente, do sistema público de saúde para o tratamento da doença.

6.2.1 Unidade Pediátrica Dr. João Nóbrega de Figueiredo

A Pediatria Dr. João Nóbrega de Figueiredo, unidade do Hospital Napoleão Laureano especializada em saúde infantil, inaugurou-se em 04 de novembro de 2008, sendo edificada e equipada com o apoio da Fundação Napoleão Laureano, o Instituto Ronald McDonald, Associação Donos do Amanhã e outras parcerias.

Figura 2 – Ala Infantil



Figura 3 – Brinquedoteca



Fonte: Arquivo do autor, 2014.

O primeiro contato da criança ou do adolescente com o hospital ocorre, geralmente, através de um encaminhamento do PSF (Programa de Saúde da Família) ao HNL (Hospital Napoleão Laureano), onde o paciente com suspeita de câncer é encaminhado à recepção da Pediatria para avaliação do quadro e, ao constatar malignidade no tumor, realiza-se um agendamento e posterior encaminhamento ao médico pediátrico para iniciar o seu tratamento, podendo ser realizado através de quimioterapia, radioterapia ou concomitante e cirurgia. O tratamento proposto depende da situação e caso de cada paciente.

Na ala infantil são realizadas, em média, 180 (cento e oitenta) atendimentos ambulatoriais por mês, sendo crianças e adolescentes com faixa etária de 1 a 19 anos. A pediatria oferece um tratamento humanizado de forma a acolher os pacientes e acompanhantes com toda a atenção necessária, contando principalmente com o apoio de uma

equipe de voluntários formada pela Rede Feminina de Combate ao Câncer (RFCC), na qual realizam vários projetos voltados a elevar a auto-estima dos enfermos, tais como a arteterapia², musicoterapia³, gameterapia⁴ e cromoterapia⁵.

Além destes projetos, o Hospital promove campanhas em prol da conscientização da população visando amenizar os novos casos de câncer, são elas o Outubro rosa, que visa chamar a atenção, diretamente, para a realidade atual do câncer de mama e a importância do diagnóstico precoce; a Reconstrução mamária, realizada com objetivo de colaborar com a auto-estima das mulheres e chamar a atenção da população e do poder público sobre a importância da detecção precoce do câncer de mama; O Novembro azul, campanha de conscientização do câncer de próstata; Campanha da Prevenção do Câncer de pele realizada em parceria com a Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD).

Envolvido com esta questão o Departamento de Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, propôs desenvolver um projeto de extensão com professores e alunos do curso de Biblioteconomia, no intuito de levar a Biblioterapia para as crianças e adolescentes que estão em tratamento na Ala Infantil Dr. João Nóbrega de Figueiredo, na tentativa de compreender o sentido da leitura, do livro e suas articulações no tratamento clínico dessas crianças. (PINHEIRO, 2001)

Ao pensar na Biblioterapia nesse contexto, percebe-se a contribuição que pode oferecer ao ajustamento bio-psico-social de crianças vítimas do câncer, as quais necessitam participar de programas sócio-culturais e educacionais que atendam a integração e reintegração social deste seguimento infantil carentes de serviços dessa natureza. Tratam-se, portanto, de situações de vida de crianças que, mesmo conhecendo a existência de limites conseguem transformar os acasos dos caminhos em possibilidades, e na defensiva ante a enfermidade, lutam para configura a sua vida e dar-lhe um novo sentido com as informações geradas, recebidas e transmitidas, através das práticas leitoras que fazem parte do seu cotidiano (VASCONCELOS, 2013).

² Uso da arte como terapia.

³ Terapia através da música e seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia)

⁴ Tratamento terapêutico através de jogos virtuais.

⁵ Prática da utilização das cores na cura de doenças

7. PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas em conjunto com os sujeitos, de forma a obter informações por meio de conversação diante os atores sociais. Conforme Barros & Lehfeld (2000, p.58),

A entrevista semi-estruturada estabelece uma conversa amigável com o entrevistado, busca levantar dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, selecionando-se os aspectos mais relevantes de um problema de pesquisa. (BARROS & LEHFELD, 2000, p.58)

Visando garantir a autenticidade dos depoimentos dos sujeitos utilizou-se o gravador de voz, sendo transcritas conforme seu consentimento. A aplicação das entrevistas é de extrema relevância por dispor ricas contribuições dos sujeitos entrevistados. Segundo as afirmações de Pádua (1997, p.64-65):

a entrevista é um procedimento mais usual no trabalho de campo. Por meio dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (PÁDUA, 1997, p. 64-65)

As entrevistas foram realizadas na ala pediátrica do Hospital e todos os sujeitos optaram em ser entrevistados no período da manhã. Tornou-se fluente, espontânea, comprometida e verdadeira a conversação graças à proximidade e o conhecimento do pesquisador com os sujeitos, tornando possível o aprofundamento das informações obtidas.

Como já citado anteriormente, aplicou-se um formulário com perguntas abertas e abrangentes, com finalidade em obter o máximo de informações ligadas ao objeto de estudo. Os autores Barros e Lehfeld (2000, p.90), ressaltam que “o formulário é um instrumento mais usado para o levantamento de informações. Não está restrito a uma determinada quantidade de questões [...] e pode possuir perguntas fechadas e abertas e ainda a combinação dos dois tipos”.

A entrevista realizada com os sujeitos da pesquisa (acompanhantes/pais das crianças) abordou tópicos que nortearam o eixo principal das entrevistas, como: perfil dos sujeitos (nome, idade, escolaridade, naturalidade e profissão), perfil das crianças (nome, sexo e idade), descoberta da doença e situação atual das crianças, aplicação da Biblioterapia e as transformações em decorrência do projeto Bem-te-vi.

Conforme Barros e Lehfeld (2000, p.53):

a observação como uma das técnicas de coleta de dados imprescindível em toda pesquisa científica. Observar significa aplicar atentamente o sentido a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e preciso. Da observação do cotidiano formulam-se problemas que merecem estudo. A observação constitui-se, portanto, a base das investigações científicas. (BARROS & LEHFELD, 2000, P.53)

Tornou-se possível a utilização da técnica observacional, durante o processo de investigação, considerando como importante meio de coleta de dados realizada de forma simples e direta, o que possibilitou a complementação das informações, uma vez que alguns aspectos da realidade apresentada ficam evidenciados nas atitudes dos sujeitos no momento da entrevista.

7.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A partir da coleta de dados, buscou-se analisar e interpretar as informações. O procedimento metodológico utilizado na interpretação dos depoimentos baseou-se na análise de conteúdo, que, segundo Bardin (1977, p.42), é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p.42)

Técnica com origem nos Estados Unidos, no início do séc. XX. Seus primeiros experimentos foram voltados à comunicação de massa. “Até os anos 1950 predominava o aspecto quantitativo da técnica que se traduzia, em geral, pela contagem da frequência da aparição de características nos conteúdos das mensagens veiculadas” (GOMES, 2001, P.74). Hoje em dia, compreende-se esta técnica como um conjunto de instrumentos metodológicos, e assegura a objetividade, a sistematização e a influência aplicadas aos diversos discursos. E assim “estudar e analisar o material qualitativo, buscando-se melhor compreensão de uma comunicação ou discurso, de aprofundar suas características gramaticais às ideológicas e outras, além de extrair aspectos mais relevantes” (BARROS e LEHFELD, 2000, p.70).

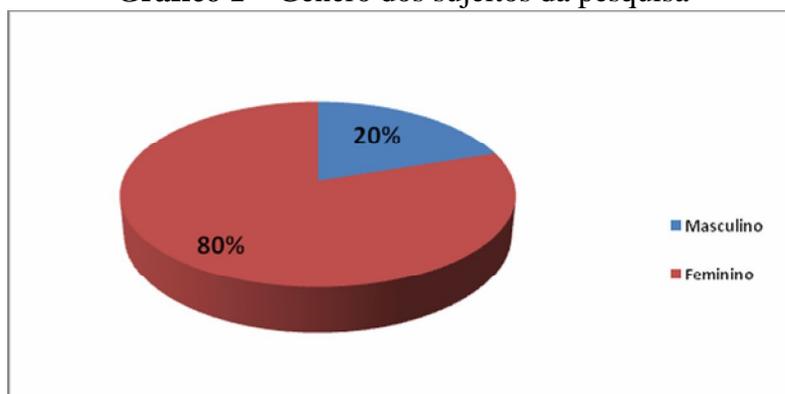
Segundo as autoras Barros e Lehfeld (2000, p.71), tal análise tem como suporte instrumental qualquer tipo de mensagem e formas de expressão dos sujeitos sociais,

resultando em um conhecimento não linear. Assim, essa metodologia de análise e de interpretação permitiu compreender criticamente o sentido das falas dos sujeitos, o conteúdo, o manifesto latente, os significados explícitos ou ocultos. Como afirma Chizzotti (1995, p.99),

Esta técnica procura reduzir o volume amplo de informações contidas em uma comunicação a algumas características particulares ou categorias conceituais que permitam passar dos elementos descritivos à interpretação ou investigar a compreensão dos atores sociais no contexto cultural em que produzem a informação ou, enfim, verificando a influência desse contexto no estilo, na forma e no conteúdo da comunicação. (CHIZZOTTI, 1995, p.99)

Os sujeitos da pesquisa foram identificados como “acompanhante” junto com um numeral (01, 02, 03, 04...). Os relatos registrados nas análises estão acompanhados pela identificação do sujeito, apresentados por meio de quadros. Dos sujeitos entrevistados, 80% pertencem ao sexo feminino e 20% pertencente ao sexo masculino, conforme ilustrado pelo o gráfico abaixo.

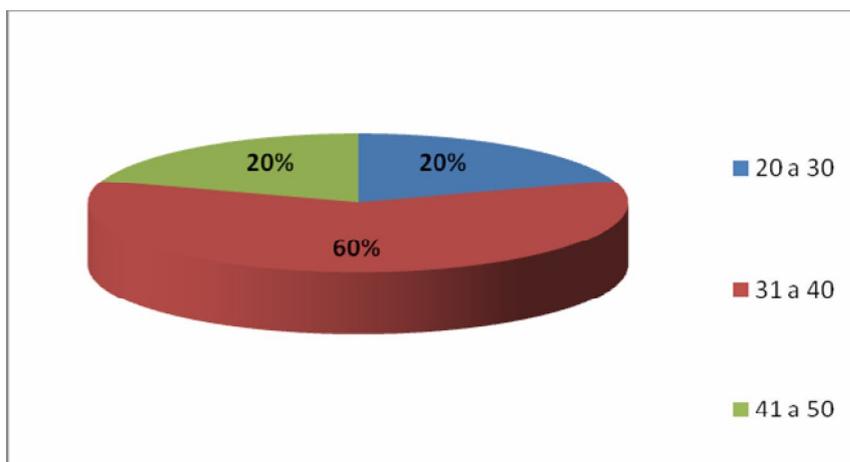
Gráfico 1 – Gênero dos sujeitos da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Diante o gráfico apresentado acima, consta-se a realização das entrevistas entre dois pais (20%) e oito mães (80%). Pôde-se observar, portanto que, na maioria dos casos, são as mães que acompanham os internamentos, sendo sua participação reconhecida como fundamental no tratamento e recuperação de seus filhos.

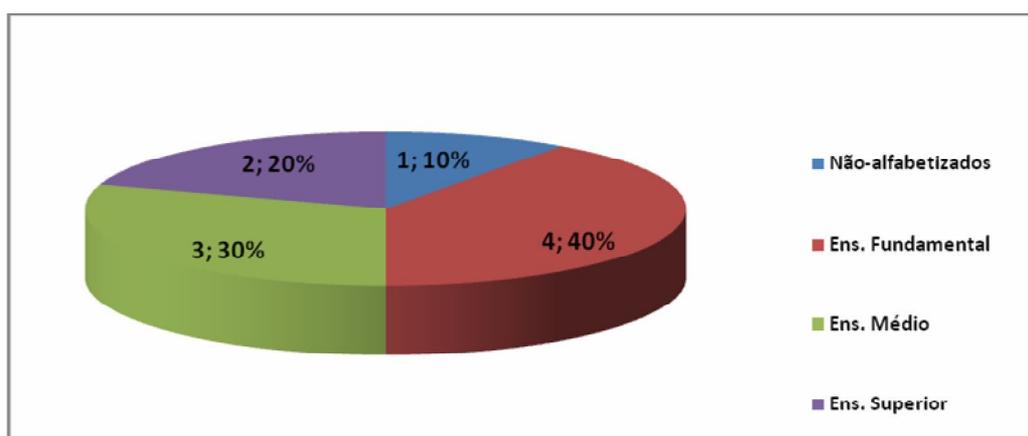
O Gráfico 2 (abaixo) demonstra que os sujeitos da pesquisa encontram-se na faixa etária de 20 a 50 anos de idade. Sendo, dois sujeitos (20%) com idade entre 20 e 30 anos; dois (20%) entre 31 e 40 anos e seis (60%) entre 41 e 50 anos. Como demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Faixa etária dos acompanhantes

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Com referência à idade, nota-se que 60% dos entrevistados são indivíduos mais maduros e conscientes com relação ao tratamento de seus filhos, o que facilitou a obtenção dos resultados, trazendo-nos para esta pesquisa uma rica explanação diante às experiências vivenciadas.

Os dados abaixo relacionados à escolaridade apresentam apenas um sujeito (10% dos entrevistados) não-alfabetizado, sendo dois sujeitos (20%) com fundamental completo; três (30%) com Ensino médio completo e quatro (40%) possuíam o curso superior.

Gráfico 3 – Nível de escolaridade

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Notou-se que, a maioria dos entrevistados, possui nível escolar satisfatório, facilitando, portanto, o desenvolvimento desta pesquisa monográfica. Conforme tal procedimento de análise especificada anteriormente, os comentários dos sujeitos foram

classificados em categorias visando a uma análise fidedigna ao texto (Quadro 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8). Pois, conforme Barros e Lehfeld (2000, p.63-4), para que essas categorias na análise dos dados sejam úteis devem atender regras básicas, assim definidas:

- a) O conjunto de categorias deve ser derivado em um único princípio de classificação;
- b) O conjunto de categorias deve abranger toda e qualquer resposta obtida. Deve ser exaustivo;
- c) As categorias devem ser mutuamente exclusivas, isto é, não deve ser possível colocar determinada resposta em mais de uma categoria de conjunto.

As respostas fornecidas pelos sujeitos, em seguida, receberam um tratamento adequado. Tornou-se mais viável organizá-las em quadros, conforme podemos observar, através das “vozes dos sujeitos”, a seguir.

Quadro 1 – Sexo, idade da criança. Como foi descoberta a doença? Fale das carências dela.

Pesquisados	Respostas
Acompanhante 01	<i>Masculino, meu filho (a) tem 07 anos. Descobri sua doença com 06 anos quando caiu do pé de manga. Quando ele está no hospital, sente muita falta de casa, dos irmãos.”</i>
Acompanhante 02	<i>“Feminino, tem 05 anos. Minha filha teve inicialmente uma febre muito elevada, que ultrapassou quatro dias. Daí a preocupação aumentou, levamos ao médico e foi constatada infecção urinária. Logo adiante foi descoberto um tumor renal. Ela foi encaminhada para o hospital Napoleão Laureano e começou o tratamento. Quando ela está no hospital, sente falta de algo que preenche o espaço dela. Pois quando está em casa, brinca constantemente com uma amiguinha. Já no hospital, costuma ir muito à brinquedoteca, justamente por ter brinquedos e a presença de alguns voluntários. Minha filha sempre busca algo novo para se distrair.</i>
Acompanhante 03	<i>“Masculino, tem 15 anos. Meu filho começou a sentir cansaço nas pernas, falta de ar e chegou a desmaiar. Realizou exames no Hospital Napoleão Laureano, e constatou anemia profunda. Mais em frente foi descoberto a Leucemia Linfóide Aguda (LLA). Atualmente encontra-se em tratamento quimioterápico e costuma ficar isolado, sob minha companhia. É filho único e sente muita falta de brincar com os amigos”.</i>
Acompanhante 04	<i>“Feminino, 07 anos. Foi descoberto através de manchas que apareceu nas pernas, similares a hematomas, desde o dia 19 de fevereiro deste ano que começou o tratamento e foi diagnosticado Sarcoma. Quando minha filha está no hospital, sente muita falta do pai, do irmão. E quando tem voluntário para brincar com ela,</i>

	<i>ameniza mais a carência dela.”</i>
Acompanhante 05	<i>“Feminino, 07anos. Foi descoberto através do estrabismo. Minha filha sente falta de brincar com as colegas, de estudar, do balé, entre outros. Agora está há 02 meses sem andar, o que impede de participar das brincadeiras. Mas, ela não reclama de nada, graças a Deus”.</i>
Acompanhante 06	<i>“Feminino, 11 anos. Inicialmente descobrimos a tireóide e logo adiante foi descoberto Linfoma. Ela sente muita falta do irmão, de casa.”</i>
Acompanhante 07	<i>“Feminino, 04 anos. Sempre realizei os exames preventivos com a minha filha, a cada seis meses. Porém, os últimos exames realizados constaram imunidade baixa, e foram piorando. Daí ela foi encaminhada para o Hospital Napoleão Laureano para tratar-se da Leucemia”.</i>
Acompanhante 08	<i>“Feminina, 05 anos. Inicialmente ela teve febre reumática, ficou abatida e começou o tratamento para combater a febre, além da Artrite. Depois de 02 anos, começou o tratamento no Hospital Napoleão Laureano, no qual foi diagnosticado Leucemia. Ela sente muita falta de mim quando estou ausente, de casa e das coleguinhas”.</i>
Acompanhante 09	<i>“Feminino, 10 anos. Descobrimos algumas manchas de pele e com dois meses após a descoberta do LLA (Leucemia Linfóide Aguda) ela iniciou o tratamento no HNL. Minha filha sente muita falta de casa”.</i>
Acompanhante 10	<i>“Masculino, 04 anos. Ele teve febre e astenia, começou o tratamento de LLA (Leucemia Linfóide Aguda) do hospital este ano. Sente muita falta de casa”.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa. Entrevista com os acompanhantes do HNL/João Pessoa - PB, 2014.

Observa-se, pelo quadro acima, que as crianças, em sua maioria, possuem carências do convívio familiar e do próprio lar. Observa-se também que as crianças, em sua maioria, foram acometidas pelo câncer no percurso de suas vidas, ocasionando a saída brusca do meio que vivia, causando assim, um desconforto psicológico tanto para a criança quanto para seus parentes.

Quadro 2 – Qual foi a sua atitude diante desse fato?

Pesquisados	Respostas
Acompanhante 01	<i>“A minha atitude foi tentar reanimá-lo. Dei muita força ao meu filho. Tem que ser um guerreiro para suportar as dores.”</i>
Acompanhante 02	<i>“Eu fiquei muito estarecida, sem chão. Pois eu tive câncer, e ainda estou em fase de recuperação. Isso já é deprimente. E quando descobri que minha filha também foi acometida pela doença, minha situação piorou. Mas graças à Deus, ele me deu forças e já posso considerar uma vitória. Porque minha filha passou por situações mais agravantes devido às reações em</i>

	<i>decorrência de medicações, falta de apetite, entre outras situações, mas graças à Deus ela está se recuperando bem”.</i>
Acompanhante 03	<i>“Foi um massacre para mim. Eu cuido como mãe e pai, ao mesmo tempo. Já é a segunda vez que ele enfrenta essa doença, mas aos poucos ele está se recuperando. Estou dando todo o apoio necessário. E tenho fé que ele vai vencer esse obstáculo como da primeira vez”.</i>
Acompanhante 04	<i>“Fiquei muito deprimida, já vi muitos casos, mas nunca imaginei que isso fosse acontecer com a minha filha”.</i>
Acompanhante 05	<i>“Fiquei sem chão, primeiramente achei que Deus nem existia. Porque ver minha filha passando por tudo isso é muito triste. No início eu pensei em fazer até besteira com ela, porque não só ela sofre como eu também. Mas, aos poucos estou me recuperando”.</i>
Acompanhante 06	<i>“Fiquei muito preocupada, nunca havia passado por esta situação. Minha filha está muito abatida com isso e, como mãe, tento converter tudo isso, dando todo o apoio necessário”.</i>
Acompanhante 07	<i>“Fiquei muito surpreso, sem chão, sem atitude. Me senti culpado em alguns momentos, achando que foi em decorrência da minha alimentação. Mas a médica esclareceu tudo e estamos na luta”.</i>
Acompanhante 08	<i>“Me desesperei, chorei bastante. Mas, me conformei com a situação, e estou lutando para dar tudo certo. Torço muito pela ligeira recuperação da minha vida. Com fé em Deus ela vai vencer”.</i>
Acompanhante 09	<i>“Fiquei totalmente desesperada. Nunca esperava por isso. Senti-me culpada, mas Deus tomou frente de tudo e hoje ela passando bem”.</i>
Acompanhante 10	<i>“A preocupação tomou conta de mim, pedi ajuda aos familiares.”</i>

Fonte: Dados da Pesquisa. Entrevista com os acompanhantes do HNL/João Pessoa - PB, 2014.

Diante o quadro acima, pode-se observar que os acompanhantes sentiram-se impotentes diante da doença dos seus filhos, chegando ao ponto de até se culparem pelo sofrimento deles. Mas, buscam forças e alternativas com propósito de reverter o quadro de seus filhos.

Quadro 3 – Você acha que as atividades de biblioterapia, desenvolvida pelo projeto Bem-te-vi, contribui para melhorar o quadro bio-psico e social do seu assistido? Melhorou o humor e a auto-estima? Diminui a irritação ou estresse? Justifique a sua resposta.

Pesquisados	Respostas
Acompanhante 01	<i>“Com certeza contribui sim. Justamente pelo fato do meu filho ficar muito tempo no quarto sozinho, sentir muita carência e não ter ninguém disponível para se animá-lo. Meu filho gosta muito de ler histórias infantis e acredito que o projeto influenciou bastante no bem-estar dele”.</i>

Acompanhante 02	<i>“Com certeza. Pois eu lembro muito bem, na época que ela tomava quimioterapia, era sempre próximo da brinquedoteca. E ela sempre aproveitava para brincar. A equipe Bem-te-vi com certeza ajudou a melhorar o humor da minha filha, graças às pinturas e historinhas contadas pela equipe. Isso para as crianças é simplesmente tudo. Afinal, ficar o tempo todo assistindo televisão cansa, né? Portanto, a idéia do projeto é maravilhosa, inovadora”.</i>
Acompanhante 03	<i>“Sim, esse projeto tem mudando bastante os hábitos do meu filho. Hoje ele está se socializando mais. De vez em quando e lê alguns livros infanto-juvenis e está reagindo bem com o tratamento graças ao apoio dos voluntários do Bem-te-vi e da Rede Feminina de Combate ao câncer”.</i>
Acompanhante 04	<i>“Com certeza, pois ela se distrai muito com essas brincadeiras. Quando fica sem brincar é muito ruim, já que ela passa muito tempo em tratamento”.</i>
Acompanhante 05	<i>Com certeza! Quanto mais, melhor. Porque, mesmo ela estando impossibilitada de andar, as leituras trazem um rendimento melhor para minha filha. Tanto a biblioterapia quanto a arte-terapia, ajudaram bastante no tratamento e trouxeram o sorriso dela. Isso pra mim é tudo.</i>
Acompanhante 06	<i>“Sim, ela gosta muito de ler, de estudar, e essas atividades são muito proveitosas. Acredito que a biblioterapia ameniza totalmente os estresses do cotidiano e da doença, alivia a mente”.</i>
Acompanhante 07	<i>“Sem dúvida alguma, as crianças nesse período de tratamento, ficam muito estressadas, e com a presença dos voluntários, tudo melhora. Qualquer contribuição é indispensável e eleva bastante a auto-estima da criança enferma. A biblioterapia com certeza é um projeto favorável, grandioso”.</i>
Acompanhante 08	<i>“Com certeza, faz com que minha filha fique mais divertida, alegre. A leitura até favorece, pois o tratamento dela impede os estudos e a biblioterapia, graças aos voluntários, preenche esse vazio”.</i>
Acompanhante 09	<i>“Sim, pois ocupa a mente, evita a depressão. Todas as atividades que são apresentadas ao projeto Bem-te-vi são válidas para o tratamento da minha filha e de outras crianças”.</i>
Acompanhante 10	<i>“Meu filho teve pouco contato com o projeto. Mas, o pouco que participou, ajudou muito a enfrentar a doença”.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa. Entrevista com os acompanhantes do HNL/João Pessoa - PB, 2014.

Diante o quadro 3, todos afirmam que a biblioterapia resulta-se em ações benéficas ao tratamento das crianças internas, fazendo-as enxergar novos horizontes adversos ao tratamento, ajudando assim a enfrentar melhor a doença e as internações.

Quadro 4 – Diante o trabalho realizado pelo projeto Bem-te-vi, o (a) Sr (Sr^a) achou que o projeto beneficiou o tratamento do seu filho?

Pesquisados	Respostas
Acompanhante 01	<i>“Sim. O projeto tem ajudado bastante na recuperação do meu filho. Aproveito para parabenizar à equipe por esta iniciativa e agradecer pelos esforços”.</i>
Acompanhante 02	<i>“Beneficiou sim. Ela sempre gostou de ler, e com o apoio da equipe Bem-te-vi, minha filha ficou bem mais encantada com a leitura. Hoje em dia ela pede para eu ler algumas historinhas, ou às vezes ela mesma conta, inventa e interpreta histórias. Todos os dias, antes de dormir ela me cobra para ler alguma história. Isso é maravilhoso”.</i>
Acompanhante 03	<i>“Beneficiou sim, como afirmei anteriormente. Meu filho tem mudado bastante de comportamento. Antes ele vivia muito isolado e hoje está se socializando mais”.</i>
Acompanhante 04	<i>“Sim, com certeza”.</i>
Acompanhante 05	<i>“Sim. Todas as atividades de voluntariados ajudaram as crianças”.</i>
Acompanhante 06	<i>“Sim, como havia dito. A leitura tem influenciado bastante no tratamento da doença”.</i>
Acompanhante 07	<i>“Sim. Preencheu todo vazio que minha filha sentia”.</i>
Acompanhante 08	<i>“Sim. Minha filha adorou o projeto Bem-te-vi, e sente muita falta”.</i>
Acompanhante 09	<i>“Sim. Trabalho de grande relevância no tratamento dos necessitados”.</i>
Acompanhante 10	<i>“Sim. Tudo que é bom é válido e esse projeto ajudou bastante”.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa. Entrevista com os acompanhantes do HNL/João Pessoa - PB, 2014.

Afirma-se, no quadro acima, que o projeto Bem-te-vi influenciou bastante na melhoria de qualidade de vida das crianças internadas, fazendo-as superar a doença e as dificuldades emocionais, por meio de leituras e materiais lúdicos.

Quadro 5 – Pense nas atividades com leituras desenvolvidas pelo projeto Bem-te-vi, elas ajudaram você e seu familiar a encarar melhor o cotidiano hospitalar e a doença?

Pesquisados	Respostas
Acompanhante 01	<i>“Ajudou muito. Principalmente, a bíblia infantil”.</i>
Acompanhante 02	<i>“Acho que todas as atividades realizadas pelo projeto Bem-te-vi foram relevantes, e nos ajudou bastante a encarar a realidade”.</i>
Acompanhante 03	<i>“Certa vez deixaram uma revista na brinquedoteca, e por acaso li um assunto sobre Leucemia. Essa tal revista me ajudou bastante a compreender melhor a doença que meu filho foi acometido e tudo pra mim ficou mais claro. Apesar de ser uma doença grave, fiquei ainda esperançosa. Acredito, por tanto, que qualquer leitura, além das que foram desenvolvidas pelo projeto Bem-te-vi, possui esse</i>

	<i>propósito modificador, que traz esperanças e conhecimento”.</i>
Acompanhante 04	<i>“Todas as leituras que foram praticadas no projeto ajudou a minha filha, com certeza. Muitas das leituras influenciaram no bem-estar dela.”.</i>
Acompanhante 05	<i>“Apesar de tudo, a bíblia sempre foi a minha companhia. E minha filha sempre se encantou com as estórias infantis”.</i>
Acompanhante 06	<i>“Muitos livros infanto-juvenis ajudaram a despertar o interesse pela leitura, e fizeram melhorar a sua auto-estima”.</i>
Acompanhante 07	<i>“A minha filha gosta de participar dos grupos de leitura, mas ainda não sabe ler. Mas, a leitura que me ajudou bastante a encarar essa realidade foi a Bíblia”.</i>
Acompanhante 08	<i>“Muitos livros apresentados pelos voluntários do Bem-te-vi, ajudaram no tratamento e encaramos melhor a realidade”.</i>
Acompanhante 09	<i>“A leitura sempre foi um ato de engrandecimento intelectual e pessoal. Portanto, sem dúvida alguma o projeto Bem-te-vi colaborou com o bem-estar da minha filha”.</i>
Acompanhante 10	<i>“Meu filho, apesar de novo e não saber ler ainda, sempre gostou das estórias contadas pelos voluntários do projeto Bem-te-vi. Isso me deixa bastante aliviada e esperançosa, ajudando-nos a encarar essa doença tão cruel”.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa. Entrevista com os acompanhantes do HNL/João Pessoa - PB, 2014.

No quadro 5, todos afirmam que as leituras desenvolvidas pelo projeto ajudaram a enfrentar o cotidiano hospitalar e a carência do convívio do seu lar, além de superar o medo, a tristeza e a focalização na doença, como também proporcionar um alívio e melhor aceitação do tratamento.

Quadro 6 – Como a Biblioterapia contribuiu na luta contra a doença do seu familiar?

Pesquisados	Respostas
Acompanhante 01	<i>“Graças aos recursos que vocês oferecem, a contribuição foi imensa. Meu filho gostou muito das contações de histórias elaboradas pela equipe e dos jogos lúdicos, além dos brinquedos que recebeu”.</i>
Acompanhante 02	<i>“Contribuiu beneficentemente através das contações de histórias, dos jogos, brinquedos e datas comemorativas, como o dia do livro, Natal, dia da criança”.</i>
Acompanhante 03	<i>“Meu filho ficou bastante comovido com a biblioterapia, desde quando o projeto iniciou-se na pediatria, ele ficou muito interessado e participou sempre que esteve em tratamento”.</i>
Acompanhante 04	<i>“Através das brincadeiras, das estórias contadas, dos jogos lúdicos, das músicas, das pinturas. Foi tudo proveitoso”.</i>
Acompanhante 05	<i>“Todas as atividades de leituras, de músicas e pinturas ajudaram a</i>

	<i>amenizar o sofrimento da minha filha”.</i>
Acompanhante 06	<i>“Minha filha nunca gostou de ler, mas o projeto a despertou no interesse. Isso já é gratificante!”.</i>
Acompanhante 07	<i>“Sou músico. E achei muito interessante envolver a música com a leitura. Tenho certeza que minha filha se divertiu com esse projeto.”</i>
Acompanhante 08	<i>“As pinturas, contações de estórias, as brincadeiras, os eventos que o projeto realizou, foi tudo válido”.</i>
Acompanhante 09	<i>“Todas as atividades dos voluntariados ajudaram no tratamento”</i>
Acompanhante 10	<i>“As brincadeiras, os presentes e principalmente a presença dos voluntários no apoio contra a doença”.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa. Entrevista com os acompanhantes do HNL/João Pessoa - PB, 2014.

Todos afirmam, no Quadro 6, que a biblioterapia, em decorrência das atividades oferecidas pelo projeto Bem-te-vi, como as leituras, jogos lúdicos e pinturas ajudaram na luta contra a doença das crianças internadas.

Quadro 7 – Você percebeu alguma alteração na pessoa que você acompanha, em decorrência das atividades de leituras oferecidas pelo projeto Bem-te-vi? Aponte.

Pesquisados	Respostas
Acompanhante 01	<i>“Meu filho ficou muito interessado pela leitura. Acredito que o projeto influenciou bastante no interesse do meu filho. Hoje em dia ele costuma ler várias historinhas em quadrinhos como turma da Mônica, Peter Pan e outros livros que recebemos através de doações”.</i>
Acompanhante 02	<i>“Sim, alterou significativamente. Deixou-a ainda mais empolgada pela leitura, apesar de minha filha não ter o domínio, mas costuma sempre recontar uma história da maneira dela. Isso é muito interessante! O projeto influenciou bastante”.</i>
Acompanhante 03	<i>“Meu filho ficou mais motivado, sociável e comunicativo”.</i>
Acompanhante 04	<i>“Sim, minha filha ficou mais brincalhona e sorridente”.</i>
Acompanhante 05	<i>“Infelizmente minha filha está sem andar e a visão está prejudicada. Mas, o projeto favoreceu de alguma forma no início do tratamento. Agradeço bastante a preocupação de vocês”.</i>
Acompanhante 06	<i>“Como havia dito, ela ficou mais interessada pela leitura.”</i>
Acompanhante 07	<i>“Minha filha ficou mais extrovertida, animada com as brincadeiras que envolvem as contações de estórias”.</i>
Acompanhante 08	<i>“As leituras distraíram bastante a minha filha, amenizou mais o sofrimento dela”.</i>
Acompanhante 09	<i>“As estórias contadas fizeram abrir mais a mente da minha filha. Hoje ela lê bastante”.</i>
Acompanhante 10	<i>“Sim, alterou bastante. Ele adora ouvir estórias e recontar. As atividades despertaram a criatividade dele”.</i>

Fonte: Dados da Pesquisa. Entrevista com os acompanhantes do HNL/João Pessoa - PB, 2014.

Nota-se, diante o quadro acima, que a leitura alterou beneficemente o quadro emocional e psicológico das crianças, o que demonstra-nos uma boa aceitação no tratamento da enfermidade, remetendo esperançosamente à cura da doença.

Quadro 8 – Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Pesquisados	Respostas
Acompanhante 01	<i>“Eu notei que a equipe Bem-te-vi não vem mais à brinquedoteca, e meu filho sente muita falta da equipe. Apenas alguns voluntários da Rede Feminina de Combate ao Câncer. Seria bastante interessante, não só para meu filho como para todas as crianças deste hospital, se a equipe Bem-te-vi desse continuidade ao projeto ou que disponibilizassem mais voluntários para distrair essas crianças tão necessitadas, carentes, isoladas. Obrigada pela ajuda de vocês”.</i>
Acompanhante 02	<i>“Como eu estava comentando com outra acompanhante. A brinquedoteca oferece um espaço agradável e muitos voluntários ajudam a preencher esse espaço. Mas tratando-se das crianças internadas, vi que não existe espaço para elas ficarem mais à vontade como na Brinquedoteca. Seria muito interessante que o espaço da internação, próximo ao posto de enfermagem, fosse bem aproveitado para essas finalidades”.</i>
Acompanhante 03	<i>“Gostaria de agradecer aos voluntários desse projeto e dizer que é muito importante a participação de vocês na vida das crianças. Vocês não sabem o quanto isso favorece no bem-estar delas. Quanto mais voluntários, melhor! Obrigada”.</i>
Acompanhante 04	<i>Ultimamente temos encontrado poucos voluntários na pediatria. Não era como antes. Se fosse possível a presença diária de voluntários, tudo seria bem melhor. Quando não aparece voluntário, as crianças ficam tão deprimentes.</i>
Acompanhante 05	<i>“Criar uma brinquedoteca na ala de internação também, pois muitas crianças não podem ir até à brinquedoteca do consultório (térreo), devido à imunidade, distância e deslocamento”.</i>
Acompanhante 06	Sem sugestão.
Acompanhante 07	<i>“Que dêem continuidade ao projeto, pois as crianças sentem muita falta”.</i>
Acompanhante 08	<i>“Achei muito interessante o projeto. espero que aconteça com mais frequência. pois têm ajudado milhares de crianças que estão em tratamento, precisando de apoio. Parabéns a vocês e desejo sucesso”.</i>
Acompanhante 09	<i>“O câncer é uma doença tão assustadora, nos deixa despreparados, atordoados, confusos. Gostaria muito que divulgassem mais o assunto. Acredito que falta divulgação no que se refere à doença. E considero bastante relevante a atuação do bibliotecário nesse processo de disseminação e prevenção”.</i>
Acompanhante 10	Sem sugestão.

Fonte: Dados da Pesquisa. Entrevista com os acompanhantes do HNL/João Pessoa - PB, 2014.

Diante as atividades biblioterapêuticas realizadas na ala pediátrica do Hospital Napoleão Laureano, conforme o quadro 8, a maioria dos entrevistados considerou benéfica e proveitosa o projeto Bem-te-vi no auxílio do combate ao câncer infantil. As falas dos sujeitos, portanto, revelaram o quanto a Biblioterapia contribui como coadjuvante no tratamento das crianças enfermas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de idas e vindas chegamos à conclusão que a pesquisa alcançou o seu propósito, ao trazer subsídios relevantes a respeito da biblioterapia como coadjuvante no tratamento do câncer infantil, não somente como uma prática social movida por condicionantes diversos, mas também como uma conjunção de elementos, da história pessoal das crianças e jovens envolvidas no projeto Bem-te-Vi, até o despertar do gosto para leitura. Constatamos que a literatura pertinente ao tema em pauta afirma que a biblioterapia constitui-se como uma prática contribuinte para o bem-estar das crianças e adolescentes hospitalizadas, além de apresentar como importante instrumento terapêutico na luta contra o câncer.

Posto isso, fortalecemos desperta em nós a crença de que a atuação do profissional bibliotecário em ambientes hospitalares, como sendo o biblioterapeuta, mostra-se como uma nova oportunidade de abrangência do mercado de trabalho para esse profissional ir além de suas capacidades técnicas, em parceria com esforços de outros profissionais (psicólogos, psicoterapeutas, médicos, enfermeiros e outros).

Quanto à exploração do tema, observamos que a leitura como poder terapêutico e transformador, podendo ser usada como estímulo para a pacificação das emoções e angústias do indivíduo. Enfatizamos, diante do exposto, que a prática biblioterapêutica é relevante no tratamento do câncer infantil, pois influencia diretamente no modo de pensar e de agir, transformando o processo biblioterapêutico em efeito sedativo ou curativo. Consideramos que a biblioterapia surge como uma perspectiva benéfica no comportamento do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento psicossocial das crianças enfermas.

Constatamos, ainda, que o acontecer da biblioterapia articulado com a história de vida das crianças e jovens acometidos pelo câncer estimula o diálogo entre as histórias lidas e ouvidas que de forma implícita ou explícita surtem efeitos em suas vidas.

Isso posto, podemos inferir que a real questão não é se a Biblioterapia é ou não eficiente como uma terapia isolada, mas sim como e quando ela deve ser usada como parte de um programa de tratamento. O projeto Bem-te-vi, responsável pelas práticas extensionistas com foco na biblioterapia, tem trazido uma significativa contribuição terapêutica para o tratamento de criança e de adolescentes vítimas de câncer, internadas no hospital Napoleão Laureano, por minimizar os sentimentos de angústia, isolamento, fragilidade física e emocional decorrentes da doença, conseqüentemente da internação e do afastamento do lar, da escola e dos amigos.

As ações biblioterapêuticas empregadas nesse projeto apontam resultados positivos na diminuição do nível de estresse, de tristeza, de desalento e a ansiedade que acompanha a doença, visto que a biblioterapia em parceria com a ludicidade, contribui para promover o bem estar, auxilia no desenvolvimento emocional e na mudança de comportamento, causado pela atenção do cuidado com o paciente, ou seja, pela dimensão fraternal do cuidar, do se importar com os outros, do se colocar no lugar do outro. O somatório de todos esses elementos tem levado a leitura não apenas como atividade necessária, mas também como atividade prazerosa, proporcionando as crianças e adolescentes hospitalizados uma visão mais humanizada do ambiente que os cerca, visto a ampliação de seus horizontes e conhecimentos.

A biblioterapia hospitalar tem se mostrado um excelente campo de atuação do bibliotecário, tornando o reconhecimento da equipe Bem-te-vi, como um ótimo contribuinte para a recuperação dos pacientes. Face ao exposto esperamos que os resultados da pesquisa possam contribuir para instigar discentes e docentes dos Cursos de Biblioteconomia a repensarem a amplitude e a complexidade da Biblioterapia, no intuito de buscar alternativas efetivas de ações transformadoras no espaço hospitalares, visto a variedade de fatores de natureza social, cultural e política, envolvidos. E, ainda, não apenas representar uma linha de chegada, mas revelar um ponto de partida para outras investigações científicas.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. H. H. A aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

_____. NBR 15287: informação e documentação: projeto de pesquisa: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

BALBINO, J. D. A.; LIMA, V. O.; PINHEIRO, E. G.; SILVA, J. A. P. **A Biblioterapia e o coração**: articulando fios de leitura e de afeto nas ações extensionistas com crianças com câncer. Projeto de extensão. João Pessoa, 2013.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1988.

BEZERRA, Gesiane Ferreira. **Biblioterapia**: uma análise da contribuição bibliotecária juntos às crianças com câncer. – Monografia. 47f. Natal, 2011.

BRASIL. Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília: Diário Oficial da União, 1991.

CALDIN, C. F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. Encontros Bibli: **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.12, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.encontrosbibli.ufsc.br>> Acesso em: 26 mai. 2014.

_____. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis. v. 7, n. 1, p.157-169, 2002. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br> Acesso em: 26 mai. 2014.

_____. A leitura como função terapêutica: biblioterapia **R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis**, Brasil, n.12, p. 32-44, 2001.

_____. Biblioterapia: atividades de leitura de desenvolvidas por acadêmicos do curso de biblioteconomia da universidade federal de Santa Catarina. Lima : Biblios: **Revista Electrónica de Bibliotecología, Archivología y Museología**, v. 6, n. 21/22, 2005. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/161/16102202.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2013.

_____. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

_____. Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da Escola de educação básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência. **Revista ACB, Florianópolis**, v. 8-9, p. 10-16, 2003-2004. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=11105>>. Acesso em: 25 dez. 2013

ELLIOTT, Ariluci Góes. et al. **A Leitura é o Melhor Remédio** : a biblioterapia com crianças portadora de câncer. Maceio, 2011. Disponível em: <<http://www.febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/viewFile/195/554>>. acesso em: 03 out. 2013

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Revista Educação Temática Digital**, Campinas, v.4, n.2, 35-47 p. jun. 2003. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1809/1651>>. Acesso em: 04 out. 2013

FONTENELE, Maria de Fátima Silva; et al. **A Biblioterapia no tratamento do câncer infantil**. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, Porto Alegre: PUCRS, 2000. Anais ... Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000765/>>. Acesso em: 13 jun. 2014

GUEDES, Mariana Giuberti; BAPTISTA, Sofia Galvão. Biblioterapia na Ciência da Informação. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 18, n. 36, p. 231-253, jan./abr., 2013.

LEITE, Ana Cláudia de Oliveira. Biblioteconomia e Biblioterapia: possibilidades de atuação. **Revista de Educação**, v.12, n.14, 2009. Disponível em: <<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/viewPDFInterstitial/705/1150>>. Acesso em: 21 set. 2013

MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, literatura e escola**: sobre a formação do gosto. 2. ed. Paulo: Martins Fontes, 2001.

MENDES, Rosa Maria Bandeira Paixão. **A literatura e a biblioterapia para crianças com problemas de aprendizagem**. 2008.135 f. Dissertação (Educação e Bibliotecas) Disponível em: <<http://repositorio.uportu.pt/dspace/bitstream/123456789/333/1/TMEB%201.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2013.

OLIVEIRA, M. da P. **O uso da biblioterapia na educação especial**: um relato de caso. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2003.

ORSINI, Maria Stella. **O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. Comunicações e Artes**, n. 11, p.139-149, 1982.

OUAKNIN, M. A. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas. João Pessoa: Universitária, 1996.

_____. **A biblioterapia e a leitura crítica para a formação da cidadania com os alunos do instituto dos cegos da Paraíba "Adalgisa Cunha"**. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000779/01/T128.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2013.

PINHEIRO, Edna Gomes. **Biblioterapia para o idoso projeto renascer**: um relato de experiência. Disponível em: <http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/322/1/v8_n1_1998_4.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2013.

_____. **Entre o sonho e a realidade**: a leitura/informação como atribuição de sentidos no contexto do câncer infantil. João Pessoa, 2001. 210f. (Dissertação) Mestrado em Ciência da Informação-Universidade Federal da Paraíba.

PINTO, Virginia Bentes. **A Biblioterapia como campo de atuação do Bibliotecário**. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/pt/cib/index.php/pt/cib/article/view/75>>. Acesso em: 18 ago. 2013.

RATTON, A. M. L. **Biblioterapia**. Rev. Esc. Bibliotecon. UFMG, v. 4, n. 2, set., 1975.

RIBEIRO, Gizele. **Biblioterapia**: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 3, n. 2, p. 112-126, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sburci/article/view/318/198>>. Acesso em: 09 out. 2013.

RIBEIRO, Marta Flora Almeida Dias. **"Ler bem para aprender melhor"**: um estudo exploratório de intervenção no âmbito da descodificação leitora. Braga, 2005. 204 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2999/1/TESE.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2013

ROSA, A.L.R. **As Cartas de Ana Cristina Cesár**: uma contribuição para a biblioterapia. 2006. 84 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Disponível em: <<http://www.unincor.br/pos/cursos/MestreLetras/arquivos/dissertacoes/APARECIDA20LUCIENE%20RESENDE%20ROSA.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2013

SEITZ, Eva M. **Biblioterapia**: uma experiência com paciente internado em clínica médica. ETD: educação temática digital, Campinas, v.1, n.1, p.73-85, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/issue/view/131>>. Acesso em: 15 dez. 2013

SHRODES, Caroline. **Bibliotherapy**: a theoretical and clinical-experimental study. 1949. 344f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of California. Berkeley.

SILVA, Diego Maradona Souza da; ALMEIDA, Edson Marques. **Biblioterapia**: o profissional bibliotecário como biblioterapeuta. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/>>. Acesso em: 09 ago. 2013

SILVA, Flávio Alves da. **Contação de histórias e desenvolvimento da criança**. Disponível em: <<http://portalliteral.terra.com.br/artigos/contacao-dehistorias-e-desenvolvimento-da-crianca>>. Acesso em: 16 set. 2013

SILVA, S. A. **A pessoa enferma e a hospitalização**: o enfermeiro nesse contexto. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. **Intervenção escolar em hospitais para crianças internadas**: a formação re-socializadora. Disponível em: <<http://www.preceding.br/sielo.php?script=arttext&pid>>. Acesso em: 14 out. 2013.

ANEXOS

APÊNDICE A - ROTEIRO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS COM OS SUJEITOS DA PESQUISA

Você acompanhou as atividades de Biblioterapia desenvolvidas no Projeto-Bem-Te-Vi. Essas atividades foram dirigidas, especialmente, as crianças do HNL. Você como acompanhante de uma delas, pode contribuir significativamente com essa pesquisa, respondendo alguns questionamentos. Sua opinião é muito importante para nós. Procure falar com franqueza. Para facilitar colocamos algumas questões, mas você pode falar sobre outros pontos que achar importante.

NOME:

SEXO: IDADE: NATURAL:

ESCOLARIDADE:

PROFISSÃO:

1 Quem você está acompanhando aqui no hospital? Sexo, idade, e como foi descoberta a doença. Fale das carências dela. De que ela mais sente falta, agora?

2 Qual foi sua atitude diante desse fato?

3 Você acha que as atividades de biblioterapia, desenvolvida no HNL, contribui para melhorar o quadro bio-psico e social do seu assistido? Melhorou o humor e a autoestima? Diminui a irritação ou estresse? Justifique a sua resposta.

4 Diante o trabalho realizado pelos estudantes e voluntários do curso de biblioteconomia, o (a) Sr (Sr^a) achou que o projeto beneficiou o tratamento do seu filho?

5 Pense nas atividades com leituras desenvolvidas aqui, elas ajudaram você e seu familiar a encarar melhor o cotidiano hospitalar e a doença.

6 Como a Biblioterapia contribuiu na luta contra a doença do seu familiar?

7 Você percebeu alguma alteração na pessoa que vc. acompanha, em decorrência das atividades de leituras oferecidas a ela? Aponte.

8 Gostaria de acrescentar mais alguma informação?



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **“A leitura engrandece a alma: o Bibliotecário e as práticas biblioterapêuticas diante o tratamento do Câncer Infantil”**, sob a responsabilidade do pesquisador JOSÉ DANIEL ALVES BALBINO, a qual pretende analisar a importância Biblioterapia no tratamento do câncer infantil.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma breve entrevista, com vistas saber se o projeto BEM-TE-VI tornou-se relevante no tratamento das crianças enfermas. Não existe nenhum risco decorrente de sua participação na pesquisa. Se o (a) Sr (a) aceitar participar, estará contribuindo com a veracidade do estudo e, conseqüentemente, com a melhoria de suas próprias condições.

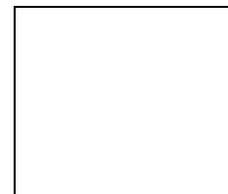
Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço (Av. Maroquinha Ramos, 612 – Torre, João Pessoa - Paraíba), pelo telefone (83) 8830-3170.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

participante

Data: ___/___/___ Assinatura do



Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

Assinatura do Pesquisador Responsável